

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE GOIÁS

**CHÁCARA E POUSADA DONA SINHÁ, CIDADE DE GOIÁS:
SIGNIFICADOS E RESSIGNIFICADOS**

CIDADE DE GOIÁS – 2011

ANA CAROLINA FERREIRA DE FARIA

**CHÁCARA E POUSADA DONA SINHÁ, CIDADE DE GOIÁS:
SIGNIFICADOS E RESSIGNIFICADOS**

Projeto de Pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina de Seminário de Pesquisa I, sob orientação do Prof. Msc José Braga Coelho, para fins avaliativos.

Orientador: Ivonaldo Ferreira Duarte

CIDADE DE GOIÁS – 2011

A Deus que sempre me deu força, me acompanhando e me dando sabedoria para que eu seguisse com minha vida acadêmica. A minha querida avó Carolina que já não está mais entre nós e meus familiares que sempre me apoiaram e acompanharam meu longo caminho em busca do conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Concretizo aqui meus agradecimentos aqueles que contribuíram para a conclusão desta pesquisa.

Primeiramente ao meu professor e orientador Ivonaldo, pela constante trajetória de estudos em prol de minha aprendizagem e pelo tempo disponibilizado para me apoiar na conclusão desta pesquisa.

À minha irmã e amiga Jéssica por estar sempre me dando suporte nos momentos que mais precisei e em especial a minha mãe.

A bibliotecária Geni, que me ajudou na busca de teorias que embasasse meu trabalho, sempre com muita atenção e interesse.

O senhor nos guia no caminho em que devemos andar e protege aqueles cuja vida é agradável a ele. (Salmos, Bíblia Sagrada).

RESUMO

Este trabalho trata das ressignificações e transformações pelas quais o espaço passa e quais os efeitos destas mudanças no contexto cultural, abordando a paisagem cultural como demonstrativo das modificações humanas sobre o espaço. Mostra que estas transformações influenciam na cultura de uma sociedade, cultura entendida como material e imaterial. Apresenta a valorização da cultura presente em monumentos históricos e a importância destes monumentos para a continuação de uma história. Busca-se mostrar a importância da educação voltada para o tema patrimônio, procurando dar ênfase à educação patrimonial voltada aos moradores, além de indicar que esta educação deve se iniciar desde os primeiros anos escolares. Desta forma os moradores podem compreender o porquê se deve preservar e só assim passarão a cobrar dos turistas que visitam a Cidade de Goiás uma atitude adequada. Este título de patrimônio histórico da humanidade conferido pela ICOMOS/UNESCO pode influenciar na cultura local, porém do outro lado da vertente também interfere no turismo, o que pode trazer impactos positivos e negativos para a sociedade local. Com isso a cultura desta região passa a ter significados diferenciados, onde moradores e turistas são o foco desta discussão. Para se entender qual a representação e os significados do objeto de estudo que é a pousada Dona Sinhá para a população e para os turistas também foi feita uma abordagem utilizando mapas mentais, que mostra como cada indivíduo identifica o espaço em questão e qual significado e símbolo este possui para os vilaboenses em preferencial os próximos à pousada e chácara Dona Sinhá.

Palavras chaves: ressignificação- espaço- cultura- educação patrimonial.

LISTA DE SIGLAS

EP: Educação Patrimonial

FICA: Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental

ICOMOS: Conselho Internacional de Monumentos e Sítios, ligado à UNESCO.

IPHAN: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

INBRATUR: Instituto Brasileiro de Turismo

MEC: Ministério da Educação

OECE: Organização Européia de Cooperação Econômica

ONU: Organização das Nações Unidas

PCNs: Parâmetros Curriculares Nacionais

SPHAN: Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Foto 1: Maria Gomes da Silva Barros (D. Sinhá) de saia preta e seus filhos	13
Foto 2: Antônio Cupertino Xavier de Barros	14
Foto 3: A esquerda fotografia da Pousada Dona Sinhá fachada original da casa com a família e a direita foto da fachada da casa reformada.....	15
Foto 4: Foto a esquerda Ivany e Augusto da Paixão pais da proprietária e a direita Maria das Graças Fleury Curado atual proprietária.....	17
Foto 5: Local onde antes era feita as vendas de cavalos e vacas, hoje possui uma nova função, estacionamento.....	19
Foto 6: A casa quando ainda era de Dona Sinhá	20
Foto 7: A esquerda fotografia da reforma para a casa se tornar pousada e a direita foto após a reforma, agora como pousada.....	20
Foto 8: A esquerda foto de Paulo Bertran tocando o Piano pertencente a M ^a . G.F.Curado e a direita fotografia do Piano que continua na pousada.....	21
Foto 9: Paulo Bertran.	21
Foto 10: A esquerda foto do Interior da pousada peça em Cerâmica e a direita foto da arquitetura da época (adobe e pau-a-pique) pousada herança cultural	22
Foto 11: A esquerda o interior da pousada fogão a lenha e a direita foto do interior da pousada mobília do quarto.	23

Sumário

INTRODUÇÃO	10
Capítulo 1 - HISTÓRIA E MUDANÇAS NO USO DA CHÁCARA (DE CHÁCARA - ENTREPOSTO COMERCIAL E MORADIA À EMPREENDIMENTO TURISTICO) .	13
1.1 - Relato de como esta propriedade foi se transformando	13
1.2 - Tentando identificar os fatores que influenciaram nesta refuncionalização ...	18
Capítulo 2 - ENTENDENDO A CHÁCARA À LUZ DA TEORIA	24
2.1 O Espaço urbano.	24
2.2 - Paisagem Cultural.....	27
2.3 - O conceito de Cultura e seus elementos materiais (tangíveis) e imateriais (intangíveis)	31
2.4 - A idéia de Patrimônio Cultural.....	35
2.5 - Educação Patrimonial.	40
2.6 O Patrimônio enquanto atrativo turístico	44
2.7 - A turistificação contemporânea da cidade de Goiás.....	46
2.8 - Os impactos Econômicos, Ambientais e Socioculturais do turismo.....	51
2.8.1 - Impactos Econômicos.....	52
2.8.2 - Impactos Ambientais.....	54
2.8.3 - Impactos Socioculturais.	55
2.9 - A percepção do turista e do residente sobre o mesmo objeto: representações e mapas mentais.....	56
Capítulo 3 - RELACIONANDO A TEORIA COM A PRÁTICA	61
3.1- Como a Chácara e Pousada aparecem enquanto parte do espaço urbano e paisagem cultural	61
3.2 - A Pousada enquanto parte da cultura Vilaboense.	62
3.3 - A Pousada enquanto elemento do Patrimônio e da Educação Patrimonial ...	64
3.4 - O turismo e sua relação com a pousada: Revalorização, ressignificação, geradora de emprego e renda	66
3.5 - Como turistas e residentes percebem a pousada: Percepção e significados	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS	71

APÊNDICES	74
APÊNDICE A.....	75
APÊNDICE B.....	78

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é fruto do desenvolvimento da análise sobre os aspectos históricos e geográficos da Chácara Dona Sinhá, hoje conhecida como Pousada Dona Sinhá. Nela buscou-se conhecer o processo de formação e transformação deste espaço geográfico.

Para concretizar esta pesquisa foram aplicados questionários para moradores do entorno da pousada Dona Sinhá e turistas que lá se hospedaram. Visamos compreender as transformações no contexto histórico, cultural e geográfico, e quais as influências deixadas para a população.

A pesquisa possui em sua estrutura introdução, desenvolvimento e conclusão. Onde se dividiu em 3 capítulos, apresentando a história da chácara fazendo uma discussão teórica relacionado ao assunto, e por fim a demonstração e discussão do questionário aplicado.

A cidade de Goiás é tombada como Patrimônio Histórico da Humanidade, esse título foi concedido em 2001 pela UNESCO, devido à relevância histórica de suas casas e prédios com estilo arquitetônico peculiar do passado.

Em 1937, Getúlio Vargas, vendo a necessidade da preservação histórica e cultural das cidades, debate iniciado desde 1922 com Gustavo Capanema, criou o decreto nº25, de 30 de novembro de 1937, fazendo com que o órgão SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), tenha a responsabilidade de divulgar, preservar e fiscalizar os bens culturais.

Apesar de a cidade ter sido tombada como Patrimônio Histórico da Humanidade, nem todas as casas da cidade fazem parte deste tombamento, somente as que mostram a importância e a história da cidade, preenchendo determinados requisitos.

A Chácara Dona Sinhá, hoje conhecida como Pousada Dona Sinhá, faz parte deste patrimônio, a casa hoje é tombada como Patrimônio da Humanidade, devido a sua trajetória histórica e beleza arquitetônica.

Nesta chácara, morou o Padre Arnaldo, por volta da primeira década dos anos 1800, uma figura muito conhecida pelos antepassados dos moradores locais.

Sua importância pode ser avaliada, pois a rua onde se localiza a casa recebeu o nome de Rua Padre Arnaldo, em sua homenagem.

Depois deste morador, a casa foi vendida para a família de Antônio Xavier Cupertino de Barros, já na segunda metade do século XIX, uma família influente na sociedade vilaboense.

Na chácara foi fundado o primeiro centro espírita de Goiás, e dela também saíram decisões importantes para os aspectos políticos da cidade de Goiás, além de ter recebido visitas de pessoas ilustres da política como Juscelino Kubitschek, dentre outros.

Esta casa tem mais de 150 anos e resgata grande parte da história e do desenvolvimento da Cidade de Goiás, assim os moradores da cidade precisam se atentar ao zelo que devem ter, ou seja, aos cuidados cabíveis a um monumento histórico para que este esteja preservado ao máximo como ainda na época de sua construção, porém com uma bagagem repleta de histórias.

O patrimônio histórico é uma consagração de símbolos que superaram os contratempos existentes no decorrer dos anos/séculos. Segundo Barreto (2000) o Patrimônio Histórico é mediador entre passado e presente, uma âncora capaz de dar uma sensação de continuidade em relação a um passado nacional, de ser um referencial capaz de permitir a identificação com uma nação, com um povo. Este é um bem que todos possuem e que jamais poderá ser tirado de nossa memória. Sendo assim, este bem jamais poderá ser excluído das práticas do cotidiano do cidadão.

Na sociedade atual, existem pessoas que admiram os bens históricos, principalmente quem não mora em uma cidade histórica. Na cidade de Goiás, por exemplo, devido ao reconhecimento de Patrimônio Histórico da Humanidade houve uma divulgação da cidade para muitos outros lugares, despertando em muitos turistas a vontade de conhecer um pouco mais da história e costumes de Vila Boa. Este movimento gerou um aumento da economia local, fazendo criar restaurantes, hotéis e pousadas como é o caso da Pousada Dona Sinhá, que abriga, em seus leitos, turistas de vários lugares do Brasil, e que deixam em Goiás uma contribuição para economia local, movimentando o comércio da cidade.

Assim sendo, esta pesquisa terá uma fundamentação bastante interessante para a geografia, pois irá contribuir para a compreensão e a conscientização sobre a história e os aspectos geográficos de nossa cidade de Goiás.

Esta pesquisa tem como objetivo explicitar (ou não) a importância da Chácara Dona Sinhá, para a cidade de Goiás, tentando compreender os aspectos culturais, econômicos e sociais. Buscando conhecer a relação dos moradores com a chácara, e identificar qual a compreensão da população sobre a importância da chácara enquanto Patrimônio Histórico da Humanidade, e por fim analisar a dinâmica dos significados e ressignificados ocorridos neste espaço e quais impactos estas mudanças ocorrem na cultura vilaboense.

Capítulo 1 - HISTÓRIA E MUDANÇAS NO USO DA CHÁCARA (DE CHÁCARA - ENTREPOSTO COMERCIAL E MORADIA À EMPREENHIMENTO TURISTICO)

1.1 - Relato de como esta propriedade foi se transformando

Para se entender a refuncionalização pelo qual a Chácara e Pousada Dona Sinhá passou com o decorrer dos anos, deve - se primeiro contar como esta história começou.

Em 13 de janeiro de 1867, nascia na cidade de Jaraguá, antiga Freguesia de N. S. da Penha de Goiás, Maria Gomes da Silva Barros (D. Sinhá Cupertino - Foto1), cuja mãe se chamava D. Maria Bárbara de Souza e Silva e o seu pai Diógenes Gomes Pereira da Silva, abastado proprietário da fazenda Engenho, de extensas terras, prestígio político e numerosos escravos. Não somente devido a isso, mas pelo exemplo de honestidade, bom caráter, homem solidário, seu pai era respeitado e estimado por todos os que o conheciam.

Foto 1: Maria Gomes da Silva Barros (D. Sinhá) de saia preta e seus filhos



Autor: Acervo de Maria das Graças Fleury Curado

Apresentando sobre a história de vida de Dona Sinhá, Britto (1982) afirma que apesar da absoluta ausência de colégios em Jaraguá, Maria Gomes da Silva Barros assim como suas irmãs e irmãos teve uma ótima educação. Por isso dona Maria Gomes da Silva Barros (D. Sinhá Cupertino) se tornou uma bela moça que possuía além de sua beleza física, dotes morais e espirituais, foi uma grande dama de sua época.

Em Goiás, onde foi estudar, ficou sob os cuidados de seus parentes dona Adelaide Félix de Bulhões e seu esposo Benedito Felix de Souza, professor e desembargador da província. Este lhe dirigiu cuidadosamente os estudos e dona Adelaide ensinou-lhe música e piano.

D. Sinhá teve, também, por professora primária dona Maria Teresa, que lecionou a grande número de alunos da família Bulhões. Aprendeu francês com o conhecido poeta goiano Antônio Félix Bulhões.

Além de bonita, foi graciosa moça. Tocava piano e violão, cantava e declamava. Traquejada e comunicativa, destacava-se em festas e reuniões sociais. Numa dessas ocasiões, em casa de dona Adelaide, conheceu Antônio Cupertino Xavier de Barros (Foto 2), que mais tarde seria seu marido.

Foto 2: Antônio Cupertino Xavier de Barros



Autor: Acervo de Maria das Graças Fleury Curado

Depois de certo tempo casaram-se e fixaram residência em Goiás, na Rua da Pedra, depois para o alto da Rosa Gomes. Mais tarde, Tonico Cupertino,

como era conhecido, arrematou em praça pública a aprazível vivenda que pertencera ao Padre Arnaldo, e ali viveu com sua família até seus últimos dias. Com ampliação e melhoramentos, o barraco que outrora era habitado pelo padre Arnaldo, tornou-se uma grande e acolhedora morada, edificada num dos pontos mais elevados e agradáveis de onde se avistava parte da cidade (Foto 3).

Foto 3: A esquerda fotografia da Pousada Dona Sinhá fachada original da casa com a família e a direita foto da fachada da casa reformada.



Autor: Acervo de M^ª das G. F. Curado.

Autor: FARIA,A.C.F. (2011).

Estes eram íntimos amigos do governador Urbano de Gouvêa, assíduo freqüentador da agradável residência. O governador, natural de Cantagalo, Estado do Rio de Janeiro, era casado com dona Miss Bulhão, de família goiana.

Grande apreciador do fino ambiente da família Cupertino, do clima ameno daquela vivenda, o Dr. Urbano passava ali horas, ao fim da tarde, onde D. Sinhá, atenciosa, servia, com prazer, saborosas frutas de seu pomar e seus sucos e o delicioso capilé (xarope de caju azedo) diluído em água fresca, muito apreciado pelos habitantes da velha capital.

Na maioria das vezes, o governador só retornava ao palácio com o cair da noite, e não raro, para estar presente às refeições e reuniões de caráter oficial.

Segundo Britto (1982), Tônico Cupertino serviu bem sua terra, tendo ocupado importantes cargos públicos. Como por exemplo, alto funcionário da Delegacia Regional do Tesouro Nacional neste estado, foi por diversas vezes seu

delegado. Foi ele quem representou o estado em sua primeira assembléia constituinte, como deputado, teve também um papel predominante na revolução de 1909, movimento estadual articulado por Leopoldo de Bulhões Jardim, tendo como intuito depor o governador Miguel de Rocha Lima.

O casal geralmente só comparecia aos bailes e recepções oficiais, suas vidas eram movimentadas ali mesmo no seu ambiente urbano-campestre de sua residência, onde a cultura, a civilização e a elite social se confundiam com jardins, flores, perfumes e pomar de frutas variadas, e também possuíam magníficas pastagens com gado escolhido e estrebaria com garbosos cavalos.

A família era muito religiosa. Seu marido Tônico mantinha um Centro Espírita para seus trabalhos espirituais. Tônico, juntamente com um grupo de amigos fundaram o 1º Centro Espírita de Goiás, que foi um marco para a sociedade vilaboense e goiana em geral. Foram homens e mulheres corajosos pois a Igreja Católica não os reconhecia.

Depois de longos anos de comunhão com seu esposo, ele veio a falecer em 1933, deixando Dona Sinhá em um profundo lamento, porém ela encontrou o conforto nos seus sentimentos religiosos e no convívio com seus filhos e netos. Com seus 94 anos de idade ela era uma senhora venerada por sua lucidez, simpatia e simplicidade, além de ser uma conselheira sensata que possuía sabedoria e equilíbrio. Durante esse tempo de vida ela pode presenciar a criação de seus filhos, netos, bisnetos e trinotos, sempre com sua alegria estampada em seu rosto. Até seus últimos dias de vida, mesmo passando a maior parte do tempo deitada (devido a uma queda de cavalo, onde fraturou uma vértebra) ela dedilhava seu violão e cantava baixinho suas canções preferidas.

Em 17 de setembro de 1964, em Goiás antiga capital do estado faleceu Dona Sinhá aos 97 anos de idade. Nesta data, Dona Sinhá deixou 24 netos, 50 bisnetos e quatro trinotos.

Com o passar dos anos a casa que antes era repleta de alegria e tradição foi perdendo seu encanto.

A solução foi pô-la a venda para parentes que por ela se interessasse, pois não queriam que estranhos ali morasse. Então Dona Ivani (Foto 4) meiga e sentimental neta de Dona Sinhá, e esposa dedicada do Dr. Augusto da Paixão

Fleury Curado (Foto 4), querendo conservar consigo aquele imóvel de tão gratas e queridas recordações de sua infância e adolescência, adquiriu-o, dando-lhe o nome de “Chácara Dona Sinhá”, em homenagem à sua amada avó. Seu esposo Augusto, pelas mesmas razões sentimentais ficou com a “Chácara do Baumann”, que pertencia aos seus pais e que faz limite com a Chácara Dona Sinhá. Lá no alto da ladeira, branquinha, bem cuidada, jardim à frente protegido por uma grade de madeira, em ponta de lança, está a Chácara Dona Sinhá, que transmite em sua essência um passado ditoso, Esta chácara, hoje, pertence a uma das filhas de dona Ivany cujo nome é Maria da Graça Fleury Curado (Foto 4). Funcionou como casa de veraneio por mais de 13 anos, vindo a ter uma nova função, agora como pousada, em Janeiro de 1998. O nome Pousada Dona Sinhá também é para continuar a homenagem a sua bisavó.

Foto 4: Foto a esquerda Ivany e Augusto da Paixão pais da proprietária e a direita Maria das Graças Fleury Curado atual proprietária



Autor: Acervo de M^a das Graças Fleury Curado

Autor: Pintor Amaury Menezes.

Com as mudanças de proprietários este espaço também sofreu algumas inovações no que diz respeito a função. Com isso passou por várias refuncionalizações, que foram acontecendo de acordo com as necessidades de cada proprietário, sem nunca, porém deixar que a casa fosse descaracterizada. Toda e qualquer reforma e/ou acréscimos sempre foram precedidos de estudos arquitetônicos com o intuito de preservar o imóvel e suas características históricas.

Para entender sobre estas funções busca-se mostrar o que influenciou para que as transformações ocorressem.

1.2 - Tentando identificar os fatores que influenciaram nesta refuncionalização

De acordo com a proprietária Maria da Graça Fleury Curado (informação verbal)¹ esta propriedade antes de pertencer a sua família era uma residência habitada por um padre, um homem religioso e bondoso, tão querido que a rua leva seu nome. Aquela casa era um aparato para os fieis de baixa renda com a função de servir aos necessitados. Aqui temos mais uma ressignificação que se agrega a mais uma função pela quais este espaço passou. Segundo Carlos (1996) a função, por sua vez, é a atividade elementar de que a forma espacial se reveste, ou seja, as funções estão materializadas nas formas que por sua vez são repletas de significados, que se modificam de acordo com as refuncionalizações decorrentes do espaço. Assim as funções agregadas a um espaço, são de suma importância para que se possa identificar determinado momento histórico, atribuindo então valores e novas funções a um respectivo espaço.

Enquanto o Padre Arnaldo era o proprietário a primeiras funções se agregam à casa, que passou também a servir como local para acolhida de escravos que o padre comprava para cuidar e tira-los dos maus tratos pelos quais passavam, em uma época onde os negros eram castigados pela cor de sua pele.

Após sua morte, a casa foi posta a leilão, sendo arrematada por Antônio Xavier Cupertino de Barros, que para lá se mudou com sua família. Nesta época (por volta de 1897), a casa foi além de uma residência, um entreposto comercial, um lugar de vendas e compras de animais como cavalo e vacas (Foto 5), era uma referência de mercado, o que aponta mais uma etapa das diversas transformações ocorridas neste espaço.

¹ -Proprietária da Chácara e pousada Dona Sinhá, Dona Maria da Graça Fleury Curado, bisneta de Dona Sinhá.

Lembramos que função envolve significados, tempo, continuidade e mudanças. Pois com uma nova função o espaço passa a ter refuncionalizações, assim ele ganha um novo significado, que também varia de acordo com as funções estabelecidas no espaço.

Foto 5: Local onde antes era feita as vendas de cavalos e vacas, hoje possui uma nova função, estacionamento.



Autor: FARIA,A.C.F. (2011).

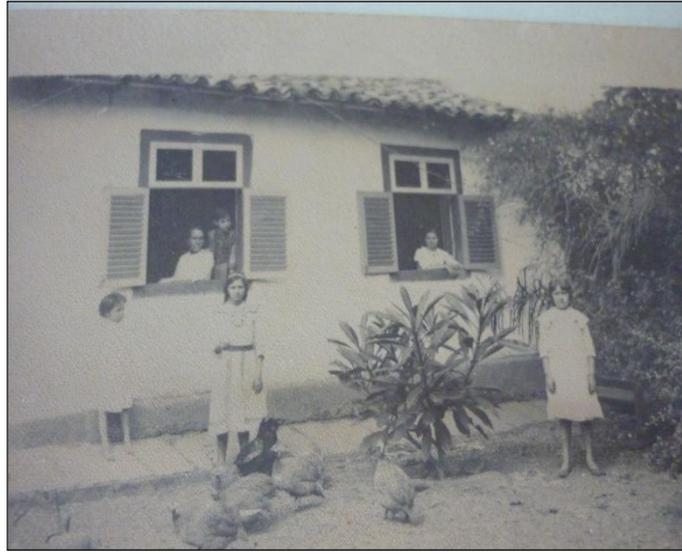
Logo depois Antônio Cupertino fundou nessa morada o 1º Centro Espírita da Cidade de Goiás, quiçá do Estado inteiro, a casa agora passa a ter um significado religioso, pois este centro passa a ser conhecido por todo o estado, e teve vários adeptos que vinham até esta morada dando a ela uma nova ressignificação.

Depois da morte de D. Sinhá (1964), os herdeiros (os filhos) venderam a casa para uma de suas netas, D. Ivany Craveiro Fleury Curado, que a tinha como chácara de lazer, pois ela morava, com seu marido e filhos, na cidade de Goiânia, vindo então para a chácara somente nas férias e festas da cidade, quer religiosas ou não.

Ainda em vida, D. Ivany e Dr. Augusto passaram a chácara para sua filha Maria das Graças Fleury Curado, em 1985, com anuência de todos os filhos, que a manteve com a mesma função de chácara de lazer por mais 13 anos.

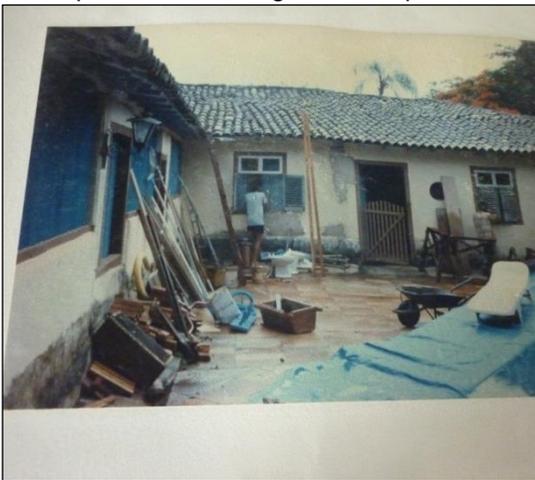
Por contingências do destino, em 1997, uma ampla reforma em seus quartos e banheiros foi feita com o intuito de transformar a sede da chácara Dona Sinhá em uma pousada, surgindo assim uma nova função, e esta foi batizada de Pousada Dona Sinhá (Foto 6 e 7).

Foto 6: A casa quando ainda era de Dona Sinhá



Autor: Acervo de M^a das Graças Fleury Curado

Foto 7: A esquerda fotografia da reforma para a casa se tornar pousada e a direita foto após a reforma, agora como pousada



Autor: Acervo de M^a das G. Fleury Curado



Autor: FARIA,A.C.F.(2011)

Mesmo sendo pousada, esta casa foi habitada novamente por mais uma pessoa ilustre que viveu durante algum tempo na Cidade de Goiás, o escritor, poeta,

professor e historiador Paulo Bertran, que em algumas de suas obras fez relatos sobre este espaço que serviu de palco para criação de suas obras (Foto 8 e 9).

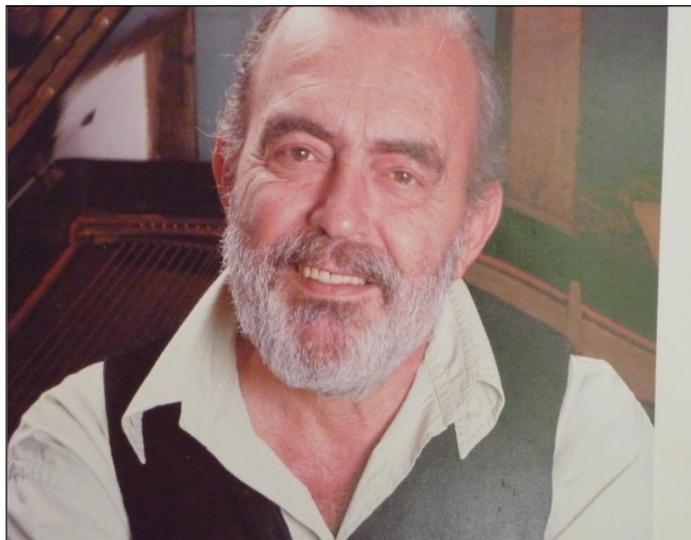
Foto 8: A esquerda foto de Paulo Bertran tocando o Piano pertencente a M^a. G.F.Curado e a direita fotografia do Piano que continua na pousada.



Autor: Acervo de M^a G. Fleury Curado

Autor: FARIA,A.C.F. (2011)

Foto 9: Paulo Bertran.



Autor: Acervo Memorial Paulo Bertran

Segundo a proprietária atual, a chácara foi transformada em pousada por três fatores. O primeiro é econômico: para que esta pudesse alcançar a auto-sustentação, ou seja, poder se manter financeiramente sem que a proprietária tivesse que fazer aplicações em dinheiro sem ter retorno.

O segundo é pelo fator cultural, para que esta casa pudesse ser conhecida por várias pessoas, conseqüentemente também a história da família seria

conhecida, além da ênfase ao título de patrimônio histórico que a casa recebeu, devido sua contribuição perante a história de Goiás.

E por último, esta casa sendo pousada haveria a oportunidade de ofertar para os visitantes da Cidade de Goiás o prazer de estar em uma típica casa colonial goiana, do século XIX, onde os turistas poderiam se sentir como se tivessem entrado numa espécie de túnel do tempo (Foto 10 e 11). Esta casa, como túnel do tempo já é testemunha de 8 gerações de uma mesma família. A começar pela mãe de Dona Sinhá, Dona Maria Bárbara, a própria Dona Sinhá. A terceira, a filha de D. Sinhá, Dona Maria Leonor (apelido Dolinha), depois a neta (D. Ivany) que comprou a chácara quando D. Sinhá morreu, em 1964. A quinta geração é a da atual proprietária, Maria das Graças, a sexta é a geração de seus filhos Vicente Augusto e Maria Paula. A filha do Vicente Augusto, Mariana, temos a sétima geração, e a neta dele, filha da Mariana, que se chama Manuela, a oitava geração.

Foto 10: A esquerda foto do Interior da pousada peça em Cerâmica e a direita foto da arquitetura da época (adobe e pau-a-pique) pousada herança cultural



Autor: FARIA,A.C.F. 2011.



Autor: FARIA,A.C.F. 2011.

Foto 11: A esquerda o interior da pousada fogão a lenha e a direita foto do interior da pousada mobília do quarto.



Autor: FARIA,A.C.F. 2011.

Autor: FARIA,A.C.F. 2011.

Seguindo as refuncionalizações que ocorreram neste espaço cabe citar que hoje, em pleno século XXI, a casa está prestes a ter uma nova função, passará agora a ser além de uma pousada, um museu aberto a visitas, pois hóspedes de outras pousadas vão lá visitar este espaço que além de ter uma arquitetura colonial preservada, tem um acervo de objetos de arte de grande valor. Assim, recapitulando, a primeira função, casa de um padre, em seguida, a casa acolhe os escravos e os mais desfavorecidos. A terceira função, casa de uma família, concomitantemente a um entreposto comercial. A quinta função, chácara de lazer, em seguida uma pousada para turistas (sexta) e agora juntamente com a pousada, um museu. São sete funções.

Na tentativa de mostrar como o local em questão está ligado aos aspectos geográficos, será feita uma análise teórica sobre os elementos que compõem este espaço.

Capítulo 2 - ENTENDENDO A CHÁCARA À LUZ DA TEORIA

2.1 O Espaço urbano

O espaço por sua vez tem um domínio muito grande sobre os fatores históricos ocorridos na Chácara Dona Sinhá.

Esta categoria, também contribui para resgatar nossos direitos e nossas lembranças sobre cultura que se fixam e estão representados no espaço.

O espaço não é somente apreendido através dos sentidos, ele referenda uma relação estabelecida pelo ser humano emocionalmente de acordo com as suas experiências espaciais. Assim o espaço não é somente percebido, sentido ou representado, mas, também vivido. As imagens que as pessoas constroem estão impregnadas de recordações, significados e experiências (KOZEL, 2010, p. 3).

O espaço traz consigo memórias, lembranças passadas que estão ali fixadas com o decorrer dos anos. Portanto o espaço tem suma importância no cotidiano de todos os cidadãos, independente de sua classe social, cor de pele ou raça.

Diante disso Nestor Filho (1992, p.167), mostra que;

A memória é a base para a construção da identidade, da consciência do indivíduo e dos grupos sociais. Afinal, a memória é quem vai registrar todo o processo de identificação dos sujeitos com o espaço em que se inserem e as conseqüentes relações que se vêm estabelecer a partir dessa identificação.

Vale a pena salientar que o espaço é onde tudo acontece, tudo se transforma, portanto como já diz Santos (1986) “ele é um testemunho de um momento”.

Para Santos (1986) espaço “é um testemunho, ele testemunha um momento de um modo de produção pela memória do espaço construído, assim das coisas fixadas na paisagem criada”. Assim o espaço é uma forma, uma forma durável, que não se desfaz paralelamente à mudança de processos, ao contrário, alguns processos se adaptam as formas preexistentes enquanto outros criam novas formas para se inserir dentro delas.

O espaço é um grande transmissor de histórias, pois ele esteve presente e não deixa de existir diante das transformações, ele se resguarda diante tudo, para testemunhar os processos pelo qual a sociedade passou.

Ainda de acordo com Santos (1986, p.137), “o espaço é a matéria trabalhada por excelência. Nenhum dos objetos sociais tem tanto domínio sobre o homem, nem está presente de tal forma no cotidiano dos indivíduos”.

Sabendo da importância do espaço no cotidiano de todos os indivíduos, e de suas intervenções nos aspectos culturais pode se afirmar que “o espaço se manifesta de forma imediata, concreta e visível na paisagem, permitindo leituras dos aspectos sociais e naturais que lhe dão ainda significados” (MORAES, 2002, p.44).

Então o espaço é repleto de significados que refletem a cultura, os costumes, o modo de vida daqueles que ali vivem. Assim, a construção de um espaço depende dos feitos de uma sociedade, que fará parte de uma história futura, pois este está continuamente em construção. Desta forma, a construção de um espaço está diretamente ligada a lugares que resguardam fatos históricos do passado, e que hoje esclarece a grandeza pela qual se viveu a sociedade que por estes espaços passaram e acrescentam novas vivências a cada passar das eras. Esse é o caso da Pousada Dona Sinhá, que é um espaço que guarda fatos do passado, mostrando a construção e a sustentação da cultura vilaboense.

Ainda tratando de espaço, deve-se falar do espaço urbano que é uma sub-parte do espaço geográfico.

O espaço urbano visto enquanto objetivação geográfica do estudo da cidade apresenta, simultaneamente, várias características que interessam ao geógrafo. É fragmentado e articulado, reflexo e condição social, é campo simbólico e de lutas (CORRÊA, 1997, p.144).

O espaço urbano pode ser entendido como um guardador de ações feitas durante as transformações e evoluções pelas quais passaram uma sociedade.

O espaço urbano é o reflexo tanto de ações que se realizam no presente, como também daquelas que realizaram no passado e que deixaram suas marcas/impressões nas formas espaciais presentes. Nesse sentido, o espaço urbano pode ser o reflexo de uma seqüência de formas espaciais que coexistem lado a lado, cada uma sendo originária de um dado momento (CORRÊA, 1997, p.148).

O espaço urbano se define por suas diferentes relações, seja de classes ou faixas etárias, onde o cotidiano se difunde com o simbolismo atribuído ao respectivo lugar.

O espaço urbano é também o lugar onde os diferentes grupos sociais vivem e se reproduzem. Isso envolve, de um lado, o cotidiano e o futuro. De outro, envolve crenças, valores, mitos, utopia e conflitos criados no bojo da sociedade de classes e em parte projetados nas formas espaciais: monumentos, lugares sagrados, uma rua especial, uma favela, lugares de lazer [...], o espaço urbano torna-se, assim, um campo simbólico que tem dimensões e significados variáveis segundo as diferentes classes e grupo etário. (CORRÊA, 1997, p.150).

Lembrando que no espaço ocorrem as relações que definem os componentes simbólicos, como por exemplo, os valores culturais que são enraizados ali.

Para Isnard (*apud* CORRÊA 1997, p.294), o espaço se traduz em suas diversas dimensões, “em sinais visíveis não só projeto vital de toda a sociedade, subsistir, proteger-se, sobreviver, mas também as suas aspirações, crenças, o mais íntimo de sua cultura”.

Desta forma o espaço também se caracteriza pelos aspectos simbólicos existentes nele, pelos quais os sentimentos são mais fortes que outros fatores, onde a cultura aparece como fator principal.

Desta forma, caracteres simbólicos aparecem em um espaço dentro de uma sociedade em formas de prédios, monumentos, praças, ruas, bairros entre outros objetos. Portanto, as representações simbólicas são expressões das estruturas de uma sociedade e os agregados impostos ao objeto diante a cultura existente naquele espaço.

Assim, os símbolos passam a ser valores atribuídos por uma sociedade a determinados bens que são de usufruto de todos, fazendo daquele espaço um lugar representativo e com significados.

E como os símbolos são significados atribuídos pela sociedade a determinados bens, pode-se dizer que estes significados são construídos em constantes mediações com a paisagem, pois a paisagem é o lugar onde a ações de transformação do homem identifica e aí está sua cultura.

2.2 - Paisagem Cultural

Quando se discute as simbologias decorrentes da cultura, é importante ressaltar a paisagem como um feito cultural.

O surgimento do tema paisagem é discutido por alguns autores, entre eles Togashi (2009). Claval (2004) mostra que o surgimento do termo “paisagem” (*landskip*), nos Países Baixos, no século XV, enquadrava os personagens em um papel secundário. O isolamento desta janela, deste quadro, institui o *pays*, que significa região, pátria, lugar de nascimento, habitante e território simultaneamente.

Togashi (2009) diz que, assim como Claval, os autores Holzer (1999) e Fernández (2006), indicam a transmutação de *pays* na palavra alemã *Landschaft*. *Paysage* surge na França em 1551. Ao considerar o tratamento do termo pelos geógrafos, a palavra alemã era mais antiga e tinha seu conteúdo mais abrangente e complexo do que a palavra francesa.

Segundo o pensamento de Togashi (2009), a paisagem é um recorte no espaço, podendo ser multidimensional, mas todas essas camadas são simultâneas,

integrantes e indissociáveis de um mesmo todo, então a paisagem também evoca uma condição social, impregnada de cultura e relações.

Isto reflete na percepção que os seres humanos têm dela, transformando-os em produto e ao mesmo tempo criadores/produtores. Desta forma a paisagem sempre é humana. Assim, conforme nos diz Cosgrove (*apud* RIBEIRO, 2007, p.27) “a paisagem é uma forma de ver o mundo que tem sua própria história, mas esta só pode ser entendida como parte de uma história mais ampla da economia e da sociedade”. Isto significa dizer que a paisagem relata o tempo e as condições pelas quais a humanidade percorre e que ela está repleta de situações e ocasiões que mostram este processo.

Diante das origens da palavra “paisagem” pode se concluir que hoje ela faz parte dos feitos humanos, estando marcada pelas culturas daqueles que enraizaram nela seus modos de vida, pois ela é quem apóia a idéia de que o homem é o feitor de suas transformações. Desta forma é o homem quem faz a cultura, portanto ele é parte dela.

Ainda tratando de paisagem e cultura que são feitos humanos, podemos citar a paisagem cultural, onde se pode identificar que:

A paisagem cultural centraliza o interesse pela cultura a partir do fato de ela ser entendida como o resultado da ação humana alterando a paisagem natural. Em realidade, toda ação humana altera a paisagem natural e produz cultura. (CORRÊA e ROSENDAL 2003,p10).

Seguindo a discussão sobre paisagem cultural, Ribeiro (2007, p. 48) lembra que:

O conceito de paisagem cultural do Comitê de Patrimônio Mundial ressalta a relação entre a cultura e o meio natural entre as pessoas e seu ambiente. Essa concepção abarca também idéias de pertencimento, significado, valor e singularidade do lugar.

Isto quer dizer que os contatos e as transformações humanas na paisagem identificam o modo que o grupo ali presente atribui valores e significados a este lugar, e como já foi dito, mostra o tempo no qual este grupo pertenceu.

Ainda este autor (RIBEIRO, 2007, p.9) reitera que:

A paisagem cultural é fruto do agenciamento do homem sobre o seu espaço. No entanto, ela pode ser vista de diferentes maneiras. A paisagem pode ser lida como um documento que expressa a relação do homem com seu meio natural, mostrando as transformações que ocorrem ao longo do tempo. A paisagem pode ser lida como um testemunho da história dos grupos humanos que ocupam determinado espaço. Pode ser lida, também, como um produto da sociedade que a produziu ou ainda como a base material para a produção de diferentes simbologias, lócus da interação entre a materialidade e as representações simbólicas.

Segundo Sauer (*apud* CORRÊA e ROSENDAL 2003, p22), “o último agente que modifica a superfície da terra é o homem [...] é a transformação da paisagem natural em paisagem cultural”. Portanto, o simples fato do o homem habitar uma parte da terra já é uma transformação da paisagem natural em paisagem cultural. A paisagem cultural é um grupo em um lugar, onde manifestam seus costumes e sua cultura, que ficam enraizadas ali através de suas ações.

A paisagem cultural segundo Corrêa (1997) trata-se de um conjunto de formas materiais dispostas e articuladas entre si no espaço como os campos, as cercas vivas, os caminhos, a casa, a igreja, entre outras, com suas características resultantes da ação transformadora do homem sobre a natureza.

Assim pode se afirmar que a paisagem carrega permanente marcos do passado, inclusive partes dos significados, uma vez que a disposição dos objetos pode ser a mesma, mudando apenas o significado que a mesma pode ter em diferentes contextos culturais, econômicos etc.

Segundo Augusto e Salvi (2001) muitos autores consideram a paisagem como o objeto de estudos geográficos, por designar o conjunto de elementos das ciências naturais e humanas, inter-relacionados em uma unidade espacial. A partir da década de 1970, houve uma retomada na utilização do conceito de paisagem, ocorrendo uma reformulação nas análises das antigas correntes filosóficas onde as epistemologias culturais e humanista alteraram o sentido dos estudos da paisagem

que passaram a ser analisados simultaneamente em várias dimensões, tais como: morfológica, funcional, histórica, espacial e simbólica.

Quando se trabalha a geografia em articulações com a cultura, um dos aspectos importantes é a questão dos direitos territoriais e dos direitos culturais que cada indivíduo tem, e que são abertos a eles. Para afirmar essa idéia, Santos (1996, p.121) diz:

A geografização da cidadania supõe que se levem em conta pelo menos dois tipos de franquias a serem abertas a todos os indivíduos: os direitos territoriais e os direitos culturais, entre os quais o direito ao entorno.

Também discutindo sobre as articulações da geografia com a cultura, onde se estuda os feitos humanos, Sauer (*apud* ROSENDAL E CORRÊA 2003, p 23), diz: “o desenvolvimento da geografia procede necessariamente da reconstrução das sucessivas culturas de uma área, começando pela cultura original e continua até o presente”.

Esta junção da geografia com os aspectos da cultura forma a “Geografia Cultural”. Para que se possa entender o que diz respeito à geografia cultural o autor afirma: “A geografia cultural se interessa, portanto, pelas obras humanas que inscrevem na superfície terrestre e imprimem uma expressão característica”. Sauer (*apud* ROZENDAL, e CORRÊA. 2003 p 23).

No olhar geográfico sobre geografia cultural, é importante salientar que o homem é o principal objeto nos estudos sobre cultura, pois a geografia busca compreender as ações humanas através de suas regiões de ocupação, como o homem usa este lugar como fonte de suas transformações, de acordo com suas necessidades, e como estas modificações no ambiente natural são feitas de acordo com cada costume, ou cada cultura, sabendo que a cultura está sempre em transformação.

A geografia cultural, como todas as subdivisões da geografia, deve estar ligada à terra. Os aspectos da terra, em particular aqueles produzidos ou modificados pela ação humana, são de grande significado. A geografia cultural compara a distribuição, visando identificar aspectos ambientais característicos de uma determinada cultura, e se possível, descobrir que papel a ação humana desempenha ou desempenhou na criação e

manutenção de determinados aspectos geográficos (WAGNER E MIKESELL, 2003 p. 27).

Ainda, melhor esclarecendo as idéias sobre geografia cultural, Fernandes (*apud* TOGASHI 2009, p.74) afirma:

A geografia cultural não estuda apenas os aspectos culturais do espaço, e mesmo do recorte da paisagem, mas também o espaço visto sob o prisma das culturas. A ótica cultural mantém unidos os objetos de estudo: componentes naturais e sociais. A paisagem é produto destas interações antrópicas e ambientais. A geografia cultural não pode deixar de preocupar-se com a forma como as diferentes coletividades e relações sociais transformam a paisagem; em observar as escalas espaciais estudando desde o conceito de globalização, até escalas locais e os indivíduos; e contemplar também as escalas temporais dos processos culturais de longa e curta duração, obrigatoriamente modificadores da paisagem.

Sabendo que a cultura é direito de todos sendo algo que se dá pela convivência em grupo, os estudos sobre este tema no âmbito geográfico consistem em abordar os feitos humanos diante de suas ações no ambiente em que vivem e as transformações feitas por eles em um determinado lugar. Assim o estudo da paisagem associada à cultura leva em consideração as culturas materiais (tangíveis) como as queimadas na agricultura, a domesticação de animais, assim como as culturas não materiais (intangíveis), como a religião, política, legislação, linguagem e simbolismo. Estes elementos humanos modificam concomitantemente a produção da paisagem que também segue um padrão cultural (além de econômico/político).

2.3 - O conceito de Cultura e seus elementos materiais (tangíveis) e imateriais (intangíveis)

A palavra cultura possui muitas definições. Para Claval (2007, p.63) a cultura é discutida da seguinte maneira:

Cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é a herança transmitida de uma geração a outra.

Portanto, cultura são nossos gestos, hábitos e costumes; coisas feitas por nossos avós, mães e pais, as quais seguimos fazendo como se fosse uma seqüência do que eles começaram, coisas simples, do nosso dia-a-dia, como as boas maneiras. Assim dependemos do aprendizado para que possamos (re)projetar o que vemos e copiamos de nossos antepassados.

Cultura também pode ser entendida como:

Um estilo de vida próprio, um modo de vida particular que todas as sociedades desenvolvem e que caracteriza cada uma delas. Assim o indivíduo que compartilha a mesma cultura apresenta o que se chama de identidade cultural. É essa identidade cultural é que faz com que a pessoa se sinta pertencente ao grupo, é por meio dela que se desenvolve o sentimento de pertencimento a uma comunidade, a uma sociedade, a uma nação, a uma cultura (OLIVEIRA, 2005, p.139)

A cultura pode ser entendida como todos os conhecimentos e saberes de um grupo. Assim todas as manifestações que expressam a forma de se pensar é uma forma de cultura.

Vale salientar que estas manifestações culturais são transmitidas de geração a geração. Portanto está sempre num processo dinâmico, no qual se aprende com o passado e se cria e recria no presente, e por isto, pode-se dizer que a cultura é histórica e dialética, pois resulta de um processo feito ao longo do tempo e por meio das relações contraditórias entre fatos, elementos e atores.

Segundo Lima (2008), a cultura popular na cidade e na zona rural se expressa com bastante desenvoltura através das festas populares em que estão envolvidas a música e a dança. Na cultura vilaboense, as modas de violas e os desafios eram, e ainda o são, presente em todas as festas.

A culinária também tem espaço na cultura vilaboense, pois como diz Lima (2008), ela apresenta fortes traços de cultura, e são citados vários pratos como a pamonha, bolo de arroz, empadão goiano dentre outros. Os vilaboenses então

possuem traços marcantes em sua cultura o que os fazem se diferenciar de habitantes de outros estados.²

A comida aparece no âmbito cultural como definidora da identidade regional e local, isso porque agrega em sua preparação rituais, hábitos, atos e memórias.

A cultura apresenta em seu contexto de diversidades as seguintes formas: Cultura Material e Cultura Imaterial. Para Oliveira (2005, p.139) “Cultura Material consiste em todo tipo de utensílios produzidos em uma sociedade – ferramentas, instrumentos, máquinas, hábitos alimentares, habitação etc... e interferem diretamente em seu estilo de vida.”

Esta cultura pode ser vista em vários momentos na Cidade de Goiás, na culinária típica goiana, nas formas de nossas construções, as ferramentas e os instrumentos utilizados para sua edificação, o que também evidencia a técnica de construção da época, como são, por exemplo, as casas de pau-a-pique e adobe, bem como outras peculiaridades que a Cidade de Goiás possui nas dimensões de seu espaço.

Desta forma, a cultura material pode ser percebida em objetos e monumentos históricos e artísticos.

Seguindo as idéias de Oliveira (2005, p.141), “cultura imaterial abrange todos os aspectos morais e intelectuais da sociedade, tais como: normas sociais, religião, costumes, ideologia, ciências, artes, folclore.”

Um ponto marcante na cultura dos vilaboenses é a invenção de apelidos, no qual todos na cidade os têm. Em se tratando de variações relacionadas à palavra filhos, os vocábulos mais conhecidos de acordo com Lima (2008, p. 139) são “fio, fiote, fiinho, fião, fiotão, fioco, fiico, fiocão, fiotoco, fiúco e outros”. Todos estes somente para a palavra filho.

Na cultura vilaboense também está presente as glorificações aos sobrenomes das famílias. Pode se constatar que aqueles que possuem tais

² - A cultura goiana também é marcada por seu linguajar, na sua prosódia, na sua pronuncia tem o hábito de engolir a última sílaba das palavras: “vô na cá de có”, por exemplo significa “vou na casa de cora”, ou bão sô?

sobrenomes se mantêm até os dias de hoje, de certa forma, no domínio da política vilaboense.

Ainda, sobre a cultura dos vilaboenses, Lima (2008, p.139) afirma que:

Uma constante no temperamento vilaboense é seu temor ao ridículo, e em função disso, ele se veste de modo formal [...]. Outro lado da personalidade da gente vilaboense é sua religiosidade e respeito pela hierarquia católica [...]. Quanto ao comportamento familiar, são bastante secos e não se manifestam com expressões de carinhos e afagos, pelo menos em público [...]. Seu extremo conservadorismo e sua resistência a quaisquer modificações em seus hábitos, costumes, crenças, princípios, normas e regras.

Essas características citadas acima são as principais dos típicos vilaboenses, eles possuem traços culturais de outrora, que, ainda hoje, são muito presentes.

A cidade de Goiás, incorporada ao campo de Patrimônio Histórico da Humanidade e coberta de significados, possui suas fortes tradições e estas objetivam a construção da identidade vilaboense. Portanto, a cultura imaterial se manifesta na cidade de Goiás em forma de patrimônio imaterial, para o qual se atribuem conteúdos simbólicos a determinadas práticas culturais que testemunham a atual identidade vilaboense, que se originou da antiga sociedade e de suas tradições.

Um grande exemplo significativo da cultura imaterial na Cidade de Goiás é a Procissão do Fogaréu da Semana Santa, evento que atrai inúmeros turistas para a cidade.

Desta forma, a cultura imaterial está diretamente ligada ao poder simbólico, para o qual atribuímos valores, símbolos e apegos aos conjuntos dos espaços sociais das representações construídas. Isto pode ser visto no campo do patrimônio histórico da Cidade de Goiás.

Repetindo portanto, a cultura imaterial são danças, músicas, rituais, festas religiosas, modo de vestir, de falar de uma sociedade. É o conjunto de saberes que permitem o uso e a compreensão dos elementos materiais da cultura.

Diante disso entende-se que a cultura está vinculada e expressada no patrimônio cultural que é o conjunto de bens, seja ele natural ou cultural, desde que

este possua alguma relevância para determinado lugar, região, país ou para a humanidade.

Elementos que possuem um valor artístico, paisagístico, histórico, cultural e simbólico são destacados e fazem o conjunto do que se chama Patrimônio.

2.4 - A idéia de Patrimônio Cultural

Partindo da perspectiva de conhecer como a população da cidade de Goiás entende o tema “Patrimônio Histórico da Humanidade”, primeiramente buscamos explicar os significados, os conceitos e a importância dessa palavra perante a sociedade.

Pode-se dizer que Patrimônio Histórico Cultural é um conjunto de ações de uma comunidade, que vem sendo formado com o passar dos anos, e que une o passado e o presente.

Patrimônio, esta bela palavra estava, na origem, ligada às estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo (.....). Patrimônio histórico é a expressão que designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado (FRANÇOISE, 2001, p11).

Patrimônio tem vários conceitos e interpretações, o mais comum é que patrimônio são bens de valor econômico, bens passados de uns para outros com o passar dos anos.

Barreto (2000, p.9) nos mostra que:

A palavra patrimônio tem vários significados. O mais comum é conjunto de bens que uma pessoa ou entidade possuem. Transportado a um determinado território, o patrimônio passa a ser o conjunto de bens que está dentro de seus limites de competência administrativa. Assim, patrimônio

nacional, por exemplo, é o conjunto de bens que pertencem a determinado país. Independente do corte territorial, que implica a delimitação do patrimônio dentro de fronteiras geopolíticas, há outros cortes pelos quais o patrimônio pode ser analisado.

O Patrimônio é uma demonstração da história de uma população, de um lugar, onde estão impregnadas suas origens e seus costumes demonstrados em suas construções e ou arquiteturas. De acordo com Barreto (2002, p.9),

O patrimônio pode ser classificado por duas grandes divisões: natural e cultural. Patrimônio natural são as riquezas que estão no solo e no subsolo, tanto as florestas quanto as jazidas. Quanto ao patrimônio cultural, esse conceito vem sendo ampliado à medida que se revisa o conceito de cultura. Até a primeira metade deste século, praticamente, patrimônio cultural foi sinônimo de obras monumentais, [...]. O patrimônio assim transformado em monumento passou a ser considerado um mediador entre passado e presente, uma âncora capaz de dar uma sensação de continuidade em relação a um passado nacional, de ser um referencial capaz de permitir a identificação com uma nação.

O Patrimônio Cultural dever ser compreendido como um fazer da sociedade, pois a sociedade é quem o cria. Este, portanto, pertence a todos, assim como sua história. Neste sentido, Barreto lembra que:

Atualmente, há um consenso de que a noção de patrimônio cultural é muito mais ampla que inclui não apenas os bens tangíveis como também os intangíveis, não só as manifestações artísticas, mas todo o fazer humano, e não só aquilo que representa a cultura das classes mais abastadas, mas também o que representa a cultura dos menos favorecidos (2000, p.11).

Patrimônio Cultural é tudo aquilo em que o homem esteve presente e que contribuiu para a sua sociedade. Com o passar dos anos, este patrimônio é formado pelo conjunto de suas realizações.

Segundo Barreto (2000, p.12):

A convenção do Patrimônio Mundial da UNESCO, em 1972, definiu o conceito de patrimônio cultural como:

*Monumentos: Obras de arquitetura, escultura e pintura monumentais, elementos ou estruturas de natureza arqueológica, inscrições, cavernas e combinações que sejam destaques e tenham um valor de relevância universal do ponto de vista da história, da arte ou das ciências;

*Conjunto de edificações: Conjuntos de edificações separados ou conectados, os quais, por sua arquitetura, homogeneidade ou localização na paisagem, sejam de relevância universal do ponto de vista da história, da arte ou das ciências;

*Sítios: Obras feitas pelo homem ou pela natureza e pelo homem em conjunto, e áreas que incluem sítios arqueológicos que seja de relevância universal do ponto de vista da história, da estética, da etnologia ou da antropologia.

Seguindo a discussão sobre patrimônio, Gomes (2008, p.284) apresenta mais uma idéia sobre o tema:

O patrimônio cultural configura-se como uma construção social que diz respeito a toda a sociedade e, especialmente, àqueles sujeitos sociais que produzem e perpetuam esse patrimônio. Em outras palavras, o patrimônio cultural imaterial é composto pelas principais referências culturais de um grupo e só terá continuidade enquanto lhe for atribuído sentido por parte dessas pessoas - sujeitos de seu patrimônio.

Partindo dos conceitos apresentados sobre Patrimônio, a Pousada Dona Sinhá está dentro das características necessárias, pois é uma intermediação do passado com o presente, transmitindo a cultura vilaboense dos antepassados que ali viveram. Isso pode ser demonstrado em seus ambientes e pode ser visto por todos, sabendo que um monumento histórico deve ser de usufruto de toda uma sociedade.

A Pousada também apresenta uma relevância universal do ponto de vista da história, devido sua arquitetura, que é peculiar, feita de pau-a-pique e adobe, o que a torna parte do conjunto edificações, considerados monumentos históricos. Vendo a necessidade da preservação histórica e cultural das cidades, o então Presidente do Brasil, Getúlio Vargas sanciou o decreto nº25, de 30 de novembro de 1937, que cria o órgão SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), que tem a responsabilidade de divulgar, preservar e fiscalizar os bens culturais. Este decreto serve como suporte para a preservação do local citado acima.

No patrimônio se destacam elementos que possuem um valor artístico, paisagístico, histórico, cultural e simbólico, que represente a história daqueles que passaram por ali.

De acordo com Françoise (2001) no início, quando surgiu na França a primeira Comissão dos Monumentos Históricos, os monumentos históricos se

constituíam em edifícios individuais. Hoje pode ser tombada como patrimônio até uma cidade inteira, de acordo com sua contribuição histórica.

Ainda, de acordo com Françoise (2001), pode se entender que os monumentos têm por finalidade fazer reviver um passado mergulhado no tempo, considerando que todo monumento histórico relaciona-se de forma diferente com a memória viva e com a duração.

Nesse sentido, o ato de preservar faz reviver o que de melhor nossa memória e nossos olhos podem ver, e nosso corpo e emoções podemos sentir.

Todo monumento histórico tem uma história, uma memória, que pode ser revivida em suas formas guardadas através dos anos e que também permanecem em nossa memória.

De acordo com Françoise (2001), essas memórias são relíquias e relicários ao mesmo tempo. Continuam, no entanto, sendo excepcionais, assim como os fatos que trazemos na nossa memória.

Os monumentos históricos retratam a cultura, os costumes, as transformações, a arte e a religião de uma população. São fatos do passado contados em edificações, assim como em fotografias, trazendo consigo toda uma história.

O passado traz nossas lembranças, nossas histórias, tudo o que já vivemos deixados para trás, se resguardando no passado, o passado está vivo devido seu contexto de relevância na memória. Firmando esta visão Bossi (1994, p.53) afirma que “a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembranças”

Neste mesmo sentido Halbwachs (2006) diz que a história não é todo o passado e também não é tudo o que resta do passado. Sempre que uma história é escrita também é uma história viva, que perpetua e se renova com o passar do tempo, podendo ser encontrada novamente em algumas correntes antigas que desaparecem apenas em aparência.

Sabemos que o passado deixou além de monumentos históricos, modos de vidas, hábitos, costumes, modo de plantar e de colher, crenças e culturas, que

podem ser vistos em nosso dia-a-dia e em nossos comportamentos, trazemos conosco uma bagagem de imagens e ambientes.

O mesmo autor ainda diz que o passado deixou na sociedade de hoje muitos vestígios, que podemos perceber na expressão das imagens, nos lugares assim como nos modos de pensar e de sentir. No entanto, os vestígios do passado são conservados e reproduzidos inconscientemente, bastando apenas que a atenção se volte para a vertente dos modos e costumes para notarmos que os costumes modernos repousam sobre camadas antigas que afloram em um lugar (2006).

Enfim, para conseguirmos compreender a importância dos monumentos históricos, mais uma vez é preciso usar a memória, pois é nela que iremos buscar fontes de saberes, conhecimentos e lembranças que irão nos levar a uma viagem no tempo. Assim,

A memória não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as idéias que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente. Não é menos verdade que não conseguimos lembrar senão do que vimos, sentimos, pensamos num momento do tempo, ou seja, nossa memória não se confunde com a dos outros (HALBWACHS, 2009, p30).

A memória para Decca (1992, p.130) “é a vida, sempre guardada pelos grupos vivos em seu nome, ela está em evoluções permanentes, aberta à dialética da lembrança”.

A memória é a constante representação de nossa identidade, que se resguarda em nosso inconsciente, através do que ouvimos nas histórias e ou que vivenciamos no presente.

Portanto, quando nos deparamos com um monumento tombado como Patrimônio Histórico, estaremos neste momento voltando a nossas origens, nossa cultura, nossos costumes, resgatando em nossa memória a importância de termos um espaço, uma paisagem, um território.

A população vilaboense deve valorizar e respeitar as belezas históricas de sua cidade. Para isto, deve ser educada para a questão da preservação patrimonial, a exemplo da Chácara e Pousada Dona Sinhá. Esta educação é feita por meio do que atualmente se chama de Educação Patrimonial.

2.5 - Educação Patrimonial

Para se discutir sobre Educação Patrimonial, Pacheco (2009, p.83) diz que: “é uma proposta interdisciplinar de ensino voltada para questões pertinentes ao patrimônio ambiental/cultural”. É um processo que pode ser aplicado em comunidades próximas a patrimônios reconhecidos, bem como naqueles casos em que há risco de haver destruição de bens com potencialidades patrimoniais.

A Educação Patrimonial, a EP, apresenta discussões sobre conservação e valorização do patrimônio histórico, que busca educar o cidadão para que ele passe a se atentar aos cuidados da preservação.

A metodologia adotada pelos programas de EP tornou-se uma alternativa de alfabetização cultural. Implantada no Brasil em 1980, por Maria de Lourdes Parreiras Horta, do Museu Imperial do Rio de Janeiro, a EP promove uma transformação na maneira de tratar a cultura e busca revisão e aprimoramento nas formas de transposição do conhecimento científico para o público leigo. Além disso, considerando que o cidadão necessita compreender sua importância no processo sócio-cultural-ambiental no qual está inserido e vislumbrar mudanças positivas no relacionamento com o patrimônio histórico-cultural e ambiental, a EP desponta como instrumento vital para a tarefa de educar para a preservação, conservação e valorização cultural. Em termos teórico-metodológicos, a EP utiliza os lugares e os suportes da memória (museus, monumentos históricos, arquivos, bibliotecas, sítios históricos, vestígios arqueológicos, etc.) no processo educativo, a fim de desenvolver a sensibilidade e a consciência dos estudantes e dos cidadãos para a importância da conservação desses bens culturais (PACHECO 2009, p.85).

Sabendo da necessidade de se ter uma educação patrimonial nos núcleos tombados como patrimônio, busca-se despertar na sociedade um interesse sobre as diferentes formas de preservação podendo se dizer que:

É preciso considerar que o dever de proteger e promover o patrimônio cultural brasileiro envolve toda sociedade, conforme determina a lei federal [...]. O usufruto desses bens e valores é um direito coletivo e diz respeito, portanto a todos os cidadãos. E é justamente esse direito que não se pode perder de vista quando, por delegação da sociedade, a verdadeira guardiã de seu patrimônio, são exercidas pelo estado suas atribuições institucionais e legais. (LEONEL, 1995, p.58).

A busca por uma educação em torno do patrimônio histórico cultural, também é discutido nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) sobre os métodos de ensino para a conscientização da sociedade, a começar pela escola.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o ensino fundamental, elaborados pelo Ministério da Educação (MEC), trazem uma inovação ao permitir a necessária interdisciplinaridade na educação básica, mediante a introdução dos chamados "temas transversais" que deverão perpassar as diferentes disciplinas escolares. Dois desses temas transversais possibilitam à escola o estudo do Patrimônio Cultural e a conseqüente adoção de projetos de educação patrimonial. Tratam-se dos temas do meio ambiente e da pluralidade cultural (ORIÁ *apud* PACHECO, 2009, p 85).

Para firmar a importância da educação patrimonial que deve se iniciar nas escolas, Pacheco (2009) afirma que quando a observação e a manipulação de vestígios da cultura são promovidas através do conhecimento escolar, a apropriação e a valorização da herança cultural são mais bem absorvidas e o usufruto dos bens patrimoniais são processos contínuos de criação cultural.

No intuito de despertar na população brasileira um espírito de conservação, foi criado o SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), pelo esforço de intelectuais como Mário de Andrade, a fim de valorizar as cores, objetos e construções brasileiras. Desta forma conseguiram preservar, identificar, restaurar e conservar bens culturais de inegável valor histórico e artístico, sobretudo o legado barroco, como testemunho do passado.

Deste modo, o trabalho de reconstrução do patrimônio histórico nacional foi produzido rapidamente após a criação do SPHAN e do decreto nº 25, de novembro de 1937, que conceituava e definia os critérios de tombamento. De maneira coerente com as concepções de cultura enunciadas, e certamente exprimindo mais uma vez a conciliação e o arranjo, o trabalho de preservação ganhou fórum e status de conhecimento científico. (FENELON, 1992, p. 29).

De acordo com Leonel (1995), para se executar um projeto de educação patrimonial, é preciso primeiro conscientizar a comunidade, mostrando a importância e a história do patrimônio em relação com o patrimônio pessoal de cada cidadão.

Portanto através de ações educativas enfocando os bens do patrimônio, como as edificações e os objetos, é importante salientar:

- Reconhecimento e valorização da cidade de Goiás, enquanto a cidade tombada é protegida pela união.
- Contato com os conceitos de patrimônio, tombamento e preservação, bem como identificação dos órgãos responsáveis pela proteção dos monumentos.
- Desenvolvimento de uma atitude consciente de responsabilidade quanto à preservação [...]
- Identificação da cidade como cenários de fatos históricos, fundamentais para a formação histórica- cultural e ecológico cultural.
- Compreensão de que a história pessoal de cada um esta intimamente relacionada ao passado da cidade (LEONEL, 1995, p.15).

Para manter o patrimônio em boa conservação é necessária uma política de preservação. Assim, Barreto (2000, p.15) afirma que

Preservar significa proteger, guardar, evitar que alguma coisa seja atingida por outra coisa que lhe possa ocasionar dano. Desde que guardar é diferente de resguardar, preservar o patrimônio implica mantê-lo estático e intocado, ao passo que conservar implica integrá-lo no dinamismo do processo cultural. Isso pode, às vezes, significar a necessidade de ressemantização do bem considerado patrimônio.

Portanto, cabe aos moradores da Cidade de Goiás, cuidar da história deixada nas fachadas de nossas edificações, mostrando a todos, sejam moradores ou turistas, o valor que Vila Boa tem perante a história do Brasil e principalmente perante a construção da cultura e da identidade vilaboense.

Molina afirma que:

Os objetos do sistema turístico estão voltados tanto para os turistas como para os indivíduos que ocupam permanentemente o espaço na qual o turismo se manifesta, ou seja, as comunidades locais ou receptoras, integradas por pessoas que chegam a ser privilegiados do sistema (2005, p.14).

Para que todos tenham o compromisso de preservar e se sintam como beneficiados é preciso todo um processo de modificações e reestruturações, onde haja uma ligação entre a população e os resgates de sua cultura, onde estes possam se sentir favorecidos com estas implantações.

Portanto Freitas (2002, p.63) afirma que para se ter uma Educação Patrimonial é necessário que:

Uma política de planejamento urbano e de desenvolvimento econômico[...], incluindo os cuidados e a valorização do patrimônio cultural e ambiental. Melhorar a infra-estrutura turística, cuidando da formação de mão-de-obra especializada. Viabilizar iniciativas culturais que beneficiem diretamente os vilaboenses: a instalação de uma boa biblioteca pública e de um arquivo à altura da documentação valiosíssima que está dispersa por vários acervos; a criação de uma universidade que se nutra das antigas glórias, mas que insira os jovens em um futuro promissor; a realização de eventos que se harmonizem com a cultura e as tradições locais etc. Habitantes e administradores vilaboenses saberão equacionar e vencer o desafio de modernizar o que for bom para a Cidade de Goiás e seus cidadãos. E, paralelamente, preservar o que é o seu tesouro maior, ou seja, o casario, o traçado urbano e o entorno, como habitat de paz e de qualidade de vida.

Estes motivos acima descritos demonstram a importância de uma educação patrimonial, visando alcançar a sociedade vilaboense, mostrando a importância e a grandeza de sua história, que pode ser vista nos casarões, nas ruas, na cidade como um todo.

Esse processo de aprendizagem deve ser feito de modo que a sociedade se sinta parte deste patrimônio, e que também tem direito a usufruir do mesmo, salientando, principalmente, que todos também se beneficiarão com essa preservação.

A educação patrimonial deve se estender das crianças aos adultos, discutindo sobre a cultura, e deixando claro que todos fazem parte dessa mesma cultura, conscientizando a todos os cidadãos, sejam os de hoje ou seus antepassados ajudaram e ajudam a construí-la.

Portanto para que se tenha uma educação patrimonial é preciso um contato mais próximo com os respectivos bens culturais, fazendo a interação entre o cidadão e o patrimônio.

Para Pacheco (2009), a observação e a manipulação de vestígios da cultura material promovem o conhecimento, favorecendo a aproximação, a apropriação e a valorização da herança cultural. O processo de divulgação da produção científica por meio da educação resulta em: geração e produção de conhecimentos, melhor usufruto dos bens patrimoniais e um processo contínuo de criação cultural, onde se possa ser uma parte desse processo.

Em suma a Educação Patrimonial, vem para resgatar no cidadão o desejo de conservar e proteger seu patrimônio, como forma de resguardar suas memórias, suas histórias, suas vivências. Também para fazer com que este bem cultural esteja ali para que as próximas gerações possam usufruir de tais encantos deixados escancarados à deriva do tempo para todos que se sensibilizam com a sua relevância e possam se encantar com seus singelos traçados arquitetônicos.

Desta forma quando preservamos um patrimônio cultural, estamos mantendo nossa própria cultura e garantindo esta oportunidade para as próximas gerações.

Além de serem guardiões do passado, da identidade e da cultura, os bens considerados como patrimônio cultural também despertam potencial turístico, pois podem se tornar um atrativo para pessoas que buscam conhecer a história de um lugar através de suas peculiaridades históricas.

2.6 O Patrimônio enquanto atrativo turístico

A cidade de Goiás recebeu o título de Patrimônio Histórico da Humanidade em razão do valor e de sua relevância perante a história goiana, resguardada em seus casarões que contêm características peculiares das construções da época, que na maioria das vezes é de pau a pique, adobe e taipa.

Segundo Freitas (2002, p.56):

O processo de reconhecimento teve início na década de 1950 [...], quando a cidade ainda vivia os traumatismos decorrentes da mudança da capital

para Goiânia, com o conseqüente esvaziamento político e demográfico, o empobrecimento de suas receitas e a minimização das funções culturais que desempenhava por mais de dois séculos.

Foi quando um grupo de vilaboenses começou a lutar pela valorização da cidade de Goiás em seus traços distintos, seja nos seus aspectos culturais ou históricos, levando em conta suas participações como marco da ocupação do centro oeste do Brasil, como a corrida do ouro e seus traçados.

Segundo Telles e Madeira (*apud* FREITAS, 2002. p. 61):

A Cidade de Goiás possui valor universal inequívoco [...] Toda uma região geoeconômica, a da mineração e da ocupação do planalto central brasileiro foi influenciada por suas características de assentamento no território e do acervo arquitetônico dos séculos XVIII e XIX e, igualmente, por representar a origem da ocupação desse território, permanecendo autêntica nesses duzentos e cinqüenta anos de vida, sendo que, no momento, acha-se vulnerável pela proximidade de Brasília.

A arquitetura de Goiás possui uma representação peculiar da época, mostrando toda uma cultura artesanal, que pode ser encontrada até os dias atuais nas populações que seguem esta cultura vilaboense. A cidade de Goiás é o símbolo do estado, pois guarda suas histórias, suas heranças culturais, sua trajetória perante o passar dos anos.

Depois de conseguir que o centro da cidade fosse reconhecido como patrimônio, em 2001 a cidade de Goiás foi incluída na lista das cidades com o título de Patrimônio Mundial. Segundo Delgado (2005, p.113):

Em 2001, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) referendou, por unanimidade, a indicação do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS) para que o centro histórico de Goiás recebesse o título de "Patrimônio da Humanidade". Esse evento coroou uma mobilização que iniciou em 1998, coordenada pelo Movimento Pró-Cidade de Goiás – Patrimônio da Humanidade, e reuniu entidades da cidade de Goiás, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e os governos municipais e estaduais.

Com o reconhecimento do centro da cidade de Goiás como patrimônio mundial, o que reforçou a valorização dos monumentos, ocorreu um aumento no

fluxo de turista, que ocasionou uma turistificação, trazendo resultados para a cidade de Goiás.

2.7 - A turistificação contemporânea da cidade de Goiás

Entendemos por turistificação o processo pelo qual um local, ou objeto, passa a ter uma função turística.

No caso de Goiás este processo já havia ocorrido há algum tempo. No entanto, depois do reconhecimento do centro histórico como patrimônio da humanidade, muitos turistas se interessaram em conhecer a Cidade de Goiás, pois a cidade passou a ser mais divulgada e conhecida. É isto que afirma Delgado (2005, p.115), para quem:

A cidade de Goiás somente passou a ter visibilidade como bem cultural e lugar histórico quando foi inscrita na rede discursiva do patrimônio, à medida que o tecido da linguagem lhe foi atribuindo determinados conteúdos para torná-la símbolo da memória coletiva. Nesse processo de composição do campo da memória, um dos mecanismos fundamentais é o trabalho de constituição do patrimônio imaterial de Goiás empreendido pela Organização Vilaboense de Artes e Tradições. Fundada com a proposta de “resgatar” e “manter as tradições” de Goiás, essa entidade torna-se responsável pela instituição da cidade como “berço da cultura goiana”.

Desta forma, a cidade de Goiás passou a ter visibilidade a partir de quando recebeu o título de Patrimônio Histórico da Humanidade, ocasionando assim um aumento nas propagandas sobre a cidade para os turistas, pois a partir destas divulgações os atrativos de Goiás foram difundidos para o mundo todo.

Vários feitos da Cidade de Goiás passaram a ser vistos e desfrutados por várias pessoas.

Ao vislumbrar que “o futuro de Goiás era o passado”, [...] empreende e estimula várias ações culturais: o Gabinete Literário, fundado em 1864, foi reaberto; os saraus foram revitalizados; as manifestações folclóricas e musicais foram pesquisadas e registradas; o acervo de arte sacra foi

reunido no Museu da Cúria e, posteriormente, no atual Museu de Arte Sacra da Boa Morte; modificações foram implementadas na celebração da Semana Santa, que passou a contar com a Procissão do Fogaréu (DELGADO, 2005, p.121).

Enfim, houve um entendimento que o turismo iria incrementar a economia. Porém primeiramente deve se explicar o significado desta palavra. Assim sendo “turismo” se origina do vocabulário Inglês (tour), que significa: excursão ou viagem com visita a certo de local (MARQUES, 2003, p.20).

São turistas as pessoas que se encaixem em um destes pressupostos:

Viajam por prazer, razões familiares, motivos de saúde, etc.; viajam para assistir reuniões ou manifestações coletivas com finalidade científica, administrativa, diplomática, religiosa, esportiva, etc.; viajam em estudo de mercados ou negócios; participam de cruzeiros marítimos, mesmo que a duração da sua visita seja inferior a 24hs; vão residir no exterior como estudante em colégios ou pensionatos (MARQUES 2003,p.21).

Continuando a discussão sobre turista, a (ONU) Organização das Nações Unidas (*apud* IGNARRA, 2003, p15) afirma que turista é:

Toda pessoa, sem distinção de raça, sexo, língua e religião, que ingresse no território de uma localidade diversa daquela em que tem residência habitual e nele permaneça pelo prazo mínimo de 24 horas e máximo de seis meses, no transcorrer de um período de 12 meses, com finalidade de turismo, recreio, esporte, saúde, motivos familiares, estudos, peregrinações religiosas ou negócios, mas sem propósito de imigração.

Desta forma pode se entender que existem vários tipos de turistas, cada qual com seus anseios e suas peculiaridades.

Ainda se entende como turismo segundo Marques (2003, p.22) o “turismo de negócios ou de trabalhos; turismo de lazer ou de férias; turismo misto (trabalho e lazer); turismo religioso (peregrinação)”.

Para Ignarra (2003, p.17) existem os seguintes tipos de turistas:

Existenciais: buscam a paz espiritual pela quebra de sua rotina.
Experimentais: querem conhecer e experimentar modos de vida diferentes.

Divisionários: procuram recreação e lazer organizados, preferencialmente em grandes grupos.
Recreacionais: buscam entretenimento e relaxamento para recuperação de suas forças psíquicas e mentais.

A geografia também discute, em suas abordagens, sobre o turismo. Como pode ser apresentado por Coriolano (1998, p.20):

A abordagem geográfica do turismo se explica através da mobilização dos fluxos de visitantes, de capital, de trabalhadores prestadores de serviços, dos padrões de ocupação, das modificações do uso do espaço, das transformações no valor do solo urbano, produzindo nova ordem espacial. Essa ordem exige transformação e instalação de novos fixos para possibilitar a atitude dos sistemas de ações que geram todas as políticas públicas.

Coriolano (1998, p.21) , seguindo a visão geográfica sobre o turismo, afirma que:

O turismo é uma atividade que se desenvolve por meio dos elementos dos espaços geográficos. Assim sendo, ao utilizar a natureza como atrativo turístico, os equipamentos urbanos como infra-estrutura do turismo, os territórios de origens de turistas, as comunidades receptoras com sua população residente e as praticas sociais decorrentes deste encontro, o turismo passa a ser objeto do saber geográfico.

Desta forma para concluir os pensamentos geográficos sobre o tema turismo é importante continuar indagando os pensamentos de Coriolano (1998, p.22) que diz:

O turismo é, antes de tudo, uma experiência geográfica. Apresenta-se como fenômeno geográfico no sentido de representar uma relação direta entre o homem e os espaços, ou seja, o homem e o ambiente. É um indutor da organização, da mobilização de fluxos populacionais. Por meio do turismo, a natureza, o litoral, as cidades, os espaços geográficos transformam-se em lugares turísticos.

Assim o turismo é mais um atributo ligado ao espaço, onde se destaca a relação homem e meio, pois as maiores procuras dos turistas são por espaços que

mostram as relações do homem com o meio no decorrer da história da humanidade. E aqui também acontece como está na teoria, estes turistas deixam em nossa cidade uma contribuição para a economia local, em vários tipos de comércios, como supermercados, artesanatos, lojas entre outros, contribuindo para a economia da Cidade de Goiás. Assim como afirma o autor Ignarra (2003, p.151) ao discutir sobre turismo: “No turismo encontra-se o efeito de aumento da renda no destino turístico. Os gastos dos turistas nos lugares visitados representam recursos novos que estão entrando na economia local”.

Segundo OECE (Organização Européia de Cooperação Econômica apud MARQUES, 2003, p.20):

Turismo é toda deslocação humana temporária, por causas alheias ou lucro; também o conjunto de bens, serviços e organizações que, em cada nação, torna possível essa deslocação e conseqüentes relações entre viajantes e naturais do país hospedeiro.

Para Ignarra (2003, p.13) o autor Oscar de La Torre afirma que:

O turismo é um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem de seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural.

O deslocamento de turistas para a cidade de Goiás, se dá também pelo fato da cidade ter recebido o título de Patrimônio Histórico da Humanidade em relação a sua relevância histórica, que se mantém viva em grande parte da cidade, o que desperta no turista uma vontade maior de relembrar fatos históricos resguardados e preservados na Cidade de Goiás, mesmo depois de tantas transformações, tanto históricas quanto culturais.

Segundo Sampaio (2003), o turismo existe desde aproximadamente 12.000 anos, com as ocupações em regiões fartas e prósperas, formando comunidades domésticas que buscavam o melhor lugar para poder fazer suas

moradias, surgindo assim às primeiras comunidades com características receptoras ao turismo.

Muitas cidades se beneficiam através do turismo, já que há o anseio das pessoas em se deslocar de uma cidade para outra,.

A cidade de Goiás, Patrimônio Histórico da Humanidade, instiga no turista a curiosidade de conhecer os aspectos históricos, culturais e naturais de nossa cidade. Ainda, por ser uma cidade pequena, também há turistas que aqui vem em busca do descanso, de uma paz que a cidade grande perdeu.

Assim sendo, o que faz a Cidade de Goiás ser turística são os lugares, como a Pousada Dona Sinhá, a casa de Cora Coralina, os Museus etc. Além disso, para que um lugar seja considerado turístico é necessário que nele haja a presença do turista, ou seja, se dê a prática do turismo naquele local.

A Pousada Dona Sinhá tanto representa uma infra-estrutura de hospedagem como um objeto turístico. Na sua história e construção, ocorreram fatos e elementos que hoje despertam no turista o desejo de conhecer, e de estar vivendo no presente um passado tão distante.

Segundo INBRATUR (2001) o turista deseja em sua viagem, fugir da rotina, explorar e avaliar seu modo de ser, diferentes formas de lazer, liberdade, amizades, saúde, descanso, conhecer novos lugares, ampliar informações, aventura e status.

Então, o turista nem sempre procura as mesmas coisas e realidades. O espaço receptor, por exemplo, os hotéis e pousadas, precisam estar preparados para estas diferenças.

Além de conhecer os aspectos históricos de um espaço, os turistas buscam durante sua estadia neste local uma boa receptividade e conforto. As preferências dos turistas segundo Coriolano (1998, p.55) são “demandas de qualidade e eficiência, pois o turista exige comodidade e segurança, não é um hóspede, mas um hóspede que compra um serviço, selecionado”.

Os serviços prestados pela pousada, no caso hospedagem, é um negócio que já acontece há milhares de anos, em todo o mundo.

Segundo Marques (2003, p.13): “o negócio da hospedagem é quase tão antigo como a própria civilização, estando diretamente ligado à necessidade de deslocação de pessoas, pelas mais variadas razões”.

Segundo Ignarra (2003, p. 2):

O fenômeno turístico está relacionado com viagens, a visitas a um local diverso do da residência das pessoas. Assim, em termos históricos, ele teve início quando o homem deixou de ser sedentário e passou a viajar principalmente motivado pelas necessidades.

Desta forma a Cidade de Goiás como atrativo turístico precisa acompanhar as modificações ocorrentes no âmbito dos serviços de hospedagem e da receptividade para seguir o ritmo das exigências dos novos turistas, modernos e detalhistas, e que buscam sempre o melhor “turismo”, palavra esta tão pronunciada nos últimos tempos.

Sabendo da importância de uma hospedagem de turismo, a antiga Chácara Dona Sinhá foi transformada em uma pousada, buscando manter e preservar todos os traços arquitetônicos da casa e também os culturais da sociedade vilaboense misturados com a comodidade que os modernos receptivos precisam oferecer.

É importante que ao tratar sobre o tema turismo e seus atrativos, sejam mostrados os impactos que ele pode causar em uma sociedade, discutindo os dois lados da questão: o positivo e o negativo.

2.8 - Os impactos Econômicos, Ambientais e Socioculturais do turismo

O turismo tem a capacidade de contribuir para o bem estar da sociedade como discute Xavier (2006), incentivando-a a ter um maior interesse para o próprio enriquecimento cultural e educacional, além de poder ser considerado importante no aspecto de ser algo que contribui para a sobrevivência da população receptora.

Assim como pode impactar positivamente também pode impactar negativamente, principalmente a população vivente nas cidades receptoras.

Este fenômeno de deslocamento temporário deve ser visto e estudado com muita atenção para que não ocorram choques culturais e sociais nos centros receptores.

Quando se discute sobre os impactos do turismo, alguns autores gostam de elencar desta forma, citando os pontos positivos e negativos, como pode ser visto na discussão a seguir.

2.8.1 - Impactos Econômicos

Os pontos positivos do turismo podem ser percebidos na movimentação em muitas cidades turísticas no mundo inteiro, tais como o incremento das oportunidades de crescer financeira e socialmente através da geração de renda, e ainda mais, o turismo é importante para a valorização do lugar e dos bens adquiridos no local. Nesta atividade há um fator predominantemente econômico, que gera um entusiasmo que fascina várias pessoas, principalmente por causa de sua contribuição na econômica local.

O turismo é um fenômeno socioeconômico de considerável importância no desenvolvimento da sociedade, entre outras coisas pelas grandes quantidades de pessoas que dele participam e por sua ampla distribuição geográficas (LEMOS, 1997, p.81)

Com o aumento de turistas em Goiás, os aspectos econômicos estão indiscutivelmente ligados ao desenvolvimento da cidade. Em relação ao fluxo econômico do turismo, no atual momento, pode se afirmar que este segmento desenvolve uma significativa fatia da economia local, seja em alimentação, compras ou em hospedagem, gerando empregos fixos e estes assalariados, por sua vez, residem na Cidade de Goiás e usa seu dinheiro no comércio local.

Tendo o turista como um forte fator econômico, este é mais uma forma de circulação, tanto ou mais que outras atividades econômicas, oferecendo a possibilidade de produzir uma aculturação através dos fluxos de pessoas que passam a interagir culturalmente (CORIOLANO, 1998, p.57).

Desta forma, o fator econômico está fortemente ligado ao turismo, principalmente nas cidades turísticas, como é o caso da Cidade de Goiás.

Sabendo dessa demanda, a Pousada Dona Sinhá, vem com uma contribuição para a economia local através das relações de compras para suprir suas necessidades diárias em supermercados, lojas e restaurantes, além do pagamento de seus funcionários que contam com a carteira de trabalho.

Com o aumento do fluxo de turistas em Goiás os aspectos econômicos vêm indiscutivelmente influenciar o desenvolvimento da cidade, assim sendo Sampaio (2011, p.29) afirma que: “A temática do turismo de certo modo, vem sendo discutida como uma atividade tipicamente econômica (indústria do turismo)...”

A Chácara foi transformada em uma pousada depois de alguns anos sendo utilizada como casa de campo ou chácara de lazer, acolhendo somente uma família e seus amigos. Com uma infra-estrutura de hospedagem e além disto, sendo em si mesma, um atrativo turístico para o município, a pousada trouxe benefícios econômicos e culturais para os vilaboenses.

Posto isso, pode-se afirmar que a infra-estrutura hoteleira está intimamente ligada à atividade turística e esta significa uma importante contribuição para a economia local e regional. A pousada Dona Sinhá hospeda em seus leitos todos os anos vários tipos de turistas.

Porém os fatores econômicos também têm seu lado negativo, estes impactos podem ser sentidos - segundo INBRATUR (Instituto Brasileiro de Turismo, 2001) - em transformações nas ocupações profissionais, nos impactos sobre a estrutura e distribuição da população e por fim desvio dos benefícios econômicos.

Pois como afirma Xavier (2006) muitos centros turísticos ao invés de investirem primeiramente na saúde e educação, ou seja, em infra estrutura básica, preferem investir em infra-estrutura turística, deixando assim a população local carente de recursos básicos.

Como já foi dito o turismo, portanto possui duas vertentes, uma com impactos positivos e outra com impactos negativos, este último pode ser sentido nos aspectos.

2.8.2 - Impactos Ambientais

Além dos impactos citados acima, o turismo também apresenta pontos positivos em relação ao meio ambiente, e seu impacto pode ser visto, segundo INBRATUR (2001), na conservação de áreas naturais importantes, na conservação de lugares históricos e arqueológicos, bem como do patrimônio ambiental, na melhoria da qualidade do meio ambiente, melhoria da infra-estrutura, estimula e ajuda a custear a preservação dos locais arqueológicos, no aumento da consciência sobre o meio ambiente e a criação de áreas protegidas.

Passando para os pontos negativos, estes são mais dramáticos e, para que sejam amenizados, é preciso uma série de adaptações.

Estes impactos podem ser vistos no meio ambiente, através da implantação de edifícios, estradas, pontes, que por sua vez quando não construídos em um local devidamente planejado e correto pode ocasionar grandes erosões, degradando o solo daquele determinado espaço.

Segundo Lemos (1999), o turismo também dá início a especulações imobiliárias, aumentando o valor do imóvel local, esquecendo assim das características ambientais. Estes impactos podem ser vistos no aterramento de mangues e de lagunas, em determinadas cidades e a eliminação de áreas de florestas originais.

Outro fator que possui um forte impacto no meio ambiente é a elevação da produção de lixo, que é preciso passar por um remanejamento da coleta de lixo na época de muito movimento turístico. Além do que se não destinado corretamente a aterros sanitários, serão simplesmente jogados a céu aberto, gerando chorume e outros resíduos perniciosos para a saúde humana

Segundo INBRATUR (2001), isto pode ser visto na poluição da água, poluição sonora, do ar e visual, problemas de saneamento básico, degradação ecológica, danos aos lugares históricos e arqueológicos e por fim problemas relativos ao uso e ocupação do solo.

2.8.3 - Impactos Socioculturais

Os pontos positivos nos impactos socioculturais consistem, também segundo INBRATUR (2001), na conservação do patrimônio, no incentivo à conscientização em relação aos impactos sobre o meio cultural, estimula melhorias nos meios de transportes locais, nas comunicações e na infra-estrutura básica da comunidade, promove melhorias na auto-estima da comunidade local e fornece oportunidade para uma maior compreensão e comunicação entre pessoas de diversas origens, na reafirmação da identidade cultural e por fim intercâmbio cultural.

Porém, também apresenta um outro lado, que são os pontos negativos. Segundo INBRATUR (2001), aparecem na comercialização excessiva e perda de autenticidade das manifestações culturais, perda da identidade cultural mediante influência no estilo de vida tradicional, modificação dos padrões de consumo a partir da influência dos turistas nos hábitos de compras da população local, despertando necessidades econômicas até então desconhecidas, baixos salários, relacionamento precário entre hotel e hóspede devido a mal-entendidos relacionados a diferenças de idioma, de costumes, de valores e de padrões de comportamento, no aumento da população residente e sazonal, e conseqüência perda das comodidades dos habitantes e por fim o aumento dos problemas sociais como: drogas, crime e prostituição.

Na falta de planejamento a população fica cada vez mais exposta a problemas sociais, causados muitas vezes pela própria atividade turística.

Desta forma é necessário uma política de reformulações e de um bem elaborado planejamento, onde se assegure o desenvolvimento ambiental, cultural e econômico sem que este desenvolvimento deixe seqüelas na sociedade local, para

que possa se manter em boas condições para as gerações futuras, mantendo a identidade, valores e a diversidade existente na sociedade anfitriã, sempre enfatizando o uso adequado dos recursos oferecidos neste espaço, buscando manter a população dentro dos assuntos relacionados a estas questões.

Segundo Xavier (2006) também é muito importante a conscientização do turista para um comportamento adequado, no tocante ao respeito ao ambiente visitado, sem ignorar a população e principalmente respeitando os costumes locais. Atitudes como estas contribuirão para que os impactos negativos sejam minimizados.

Lembrando que o que faz um lugar ter relevância são os valores atribuídos a ele, assim como as valorações que cada indivíduo agrega a este lugar.

2.9 - A percepção do turista e do residente sobre o mesmo objeto: representações e mapas mentais

Quando se pensa em representação, logo vem em mente algo que diz respeito a nossa percepção, como por exemplo, o que vemos e o que isto significa ou representa para nós. Assim, a representação aparece como um fazer humano. Segundo Kozel (2010) o real e o simbólico se misturam, se interpenetram, fazendo com que o mundo cultural tenha diversas formas, assim este contexto se evidencia na corporeidade, nos sentidos, movimentos e linguagens de cada indivíduo, qual um com sua interpretação.

Tratando sobre representações, Kozel (2010, p.1) afirma:

As representações podem ser analisadas como provenientes do simbólico, decorrentes da apreensão de significados e subjetividades. O termo “representação” segundo Debarbieux (1998) é definido como o processo pelo qual são produzidas formas concretas ou idealizadas, dotadas de particularidades que podem também se referir a um outro objeto ou fenômeno relevante.

E a “imagem” no entender desse autor é conceituada como uma forma de representação *explícita* por uma pessoa ou grupo sobre um determinado fenômeno, uma categoria particular e singular advinda da representação do “real visível” ou do vivido simbólico.

Desta forma o lócus da representação são os símbolos e signos que colocamos sobre lugares, formas e fazeres.

Sabendo disso Oliveira (1997, p.73) afirma:

A mediação simbólica e a origem sócio-cultural dos processos psicológicos superiores são pressupostos fundamentais para explicar o funcionamento da percepção [...]. Por exemplo, a visão humana, está organizada para perceber luz, que revelará pontos, linhas, cores, movimentos, profundidade; a audição permite a percepção de sons em diferentes timbres[...].

Lembrando que, signos, segundo Oliveira (1997, p.30), “podem ser definidos como elementos que representam ou expressam outros objetos, eventos, situações”.

Já Kozel (2010, p.6) entende que

Os signos podem ser construídos por intermédio de imagens, formas, odores, sabores, porém seu caráter significativo prescinde de uma forma de linguagem para ser comunicado. Todas as funções mentais superiores, específicas do homem, integram a órbita de sua consciência, e são processos intermediados pelos signos, que são adquiridos durante o desenvolvimento do homem em sociedade, mediados pela atividade social.

Sendo assim, se pode afirmar que as percepções, as simbologias e os signos vão se formando ao longo da vida. Desta forma, esse processo acaba sendo um fator construído de acordo com o que cada indivíduo vive, assimila, sente, percebe durante sua vida inteira.

A percepção é centrada no fato de que, ao longo do desenvolvimento humano, a percepção torna-se cada vez mais um processo complexo, que se distancia das determinações fisiológicas dos órgãos sensoriais embora, obviamente, continue a basear-se nas possibilidades desses órgãos físicos (OLIVEIRA, 1997, p 73).

Estudando os pensamentos sobre percepção, encontramos as representações, que segundo Kuyumjin e Mello (2008, p.33),

São formas que encontramos de dar significados às tramas do mundo social, de maneira a torná-las compreensíveis. É por esse mecanismo que nos ajustamos ao mundo, nomeando-o e definindo a realidade do dia-a-dia. Portanto as representações constroem sentidos para a realidade, por sua natureza social [...].

Então, representação é o ato de reproduzir aquilo que se pensa, que está no inconsciente e que é o resultado das diferentes percepções. Ainda...

A percepção age, portanto, num sistema que envolve outras funções. Ao percebermos elementos do mundo real, fazemos inferências baseadas em conhecimentos adquiridos previamente e em informações sobre a situação presente, interpretando os dados perceptuais (OLIVEIRA, 1997, p.74).

Quando discutida por Santos (1997, p.62), a “percepção aparece como um processo seletivo de apreensão. Se a realidade é apenas uma, cada pessoa a vê de forma diferenciada” [...].

Um aspecto interessante da representação são os mapas mentais, que são as representações de determinado espaço percebido, são representações que passam ter significado quando se transformam em mapas mentais. Estes por sua vez se reproduzem pela memorização e que através de informações utiliza o próprio pensamento para construir aspectos de um determinado espaço, desta forma os mapas mentais incluem:

Detalhes e conteúdos (...), além de depender das capacidades e habilidades dos seus autores, também dependem da sua escala de percepção. Conseqüentemente, um mapa mental do mundo contém informações e traçados diferentes de desenho espacial de uma rua ou de uma casa (SEEMANN, *Apud* SEEMANN 2003, p.211).

Conforme Tuan (*apud* SEEMANN 2003, p.210), mapas mentais têm as seguintes funções:

[...] nos preparam para comunicar efetivamente informações espaciais; eles tornam possível ensaiar comportamento espacial na mente; eles são dispositivos mnemônicos: quando desejamos memorizar eventos, pessoas e coisas, eles nos ajudam a saber a sua localização; como mapas reais, mapas mentais são meios de estruturar e armazenar conhecimento; eles são mundos imaginários, porque permitem retratar lugares não acessíveis para as pessoas.

Os mapas mentais servem como uma forma de linguagem, que varia de acordo como cada indivíduo vê o mundo. Portanto, estes mapas são desenhados de formas variadas, de acordo com cada representação.

Vale salientar que esses mapas não apenas são objetos de análise como no ensaio presente, mas também servem como meio de comunicação espacial entre as pessoas. Além da necessidade de pesquisar sobre os mapas mentais dos diferentes atores sociais, também se torna imprescindível trabalhar com os mapas mentais e compará-los. Eles, de fato, são linguagens, meios de comunicação e indicadores de visões contrastantes do mundo (ORLOVE *apud* SEEMANN, 2003, p.214).

Mapas mentais são importantes ferramentas para as pesquisas que dependem da percepção do indivíduo sobre determinado espaço, contribuindo para que o pesquisador possa identificar os significados impostos sobre o local de pesquisa.

Segundo Seemann (2003), um mapa mental também pode ser um ponto de partida para outros mapas mentais. Concretamente, nas pesquisas sobre percepção, essa técnica (em conjunto com fotografias, entrevistas e outros instrumentos) permite deduzir informações que podem auxiliar na construção de um espaço do passado memorizado e reproduzido por mapas mentais.

Os mapas mentais então são os modos de como cada indivíduo compreende o espaço vivido ou concebido, e o representa dando-lhes significados e atribuindo simbologias a dado espaço, lugar e/ou objeto.

Segundo Bovo e Hermann (2005, p. 16):

A natureza dos mapas mentais, conforme já dissemos, está intimamente relacionada com as funções e operações da mente de encadear, relacionar, comparar, classificar, etc., ou seja, processar, de uma forma geral, as informações coletadas tanto do universo exterior (objetivas) quanto do interior (subjetivas). Dessa forma, o mapeamento mental pode ser utilizado

em quase todas as atividades, nas quais o pensamento, a memória, o planejamento e a criatividade estejam envolvidos.

Então Harley, *apud* Seemann (2003, p.214), “conclui que mapas mentais são ricas fontes de histórias pessoais, um mapa da memória traz imagens e contextos, de acordo com cada representação”.

Capítulo 3 - RELACIONANDO A TEORIA COM A PRÁTICA

3.1- Como a Chácara e Pousada aparecem enquanto parte do espaço urbano e paisagem cultural

Sabendo que o espaço é onde ocorrem as relações, e onde as lembranças e memórias passadas se fixam, o espaço urbano aparece também como um transmissor de culturas que está sempre em transformação, pois este é algo que se formou pelos fazeres da sociedade, e que permanece se perpetuando com o decorrer do tempo.

Assim como no espaço a paisagem cultural também se modifica de acordo com os feitos da sociedade e neste caso a paisagem aparece também como um transmissor de culturas, e está repleta de simbologias que são agregadas a ela de acordo com a percepção de cada indivíduo, pois a paisagem pode ser a mesma mudando apenas seus contextos.

Então, embasada nestas afirmações foi possível diagnosticar que a Pousada Dona Sinhá se encaixa dentro desta teoria, pois a casa em questão é, propriamente, o espaço que agregou e agrega fatos não só antigos, como também históricos, os costumes e os valores daqueles que viveram em outra época, mas que serão lembrados devido aos eventos/processos ocorridos na chácara. Apresenta também caráter simbólico que foi se modificando juntamente com as transformações da chácara, antes com o significado religioso/caridoso devido ter sido a casa do Padre Arnaldo e depois com um novo significado, casa de relações políticas e familiares. E é neste contexto de espaço urbano e simbologias que a paisagem cultural também aparece como um fator marcante da chácara/pousada, pois a casa se vê envolvida por simbologias, hábitos e costumes em seu contexto histórico e suas transformações culturais sofridas pela sociedade vilaboense.

Lembrando que os significados atribuídos a esta casa, assim como a qualquer outro lugar, variam de acordo com que cada pessoa percebe, aplicamos um questionário, com o objetivo de analisar as respostas obtidas.

Quando os moradores foram questionados sobre o que mais chama a atenção na pousada, as respostas que aparecem indicam que são os aspectos históricos inerentes à casa, ao lado da possibilidade de contato com a natureza. A mesma pergunta foi feita para os turistas. Suas respostas são semelhantes, os aspectos históricos juntamente com o contato com a natureza e o silêncio é o que é mais forte na pousada,

Estas foram as respostas que mais apareceram na pergunta sobre quais os aspectos da Pousada Dona Sinhá mais chamava a atenção dos entrevistados.

3.2 - A Pousada enquanto parte da cultura Vilaboense.

Como já foi discutido nesta pesquisa, quando se fala em Cultura pensamos logo em costumes, crenças, valores, hábitos transmitidos de geração em geração, enfim lembramo-nos de nossos antepassados.

E cultura é isso mesmo, é a junção dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas.

Já foi explicitado anteriormente que a Pousada e Chácara Dona Sinhá traz em suas estruturas traços da cultura vilaboense desde o final do século passado. Desta forma pode se afirmar que diante de tantas transformações pela qual a Cidade de Goiás passou, esta casa ficou marcada por ser um lugar que foi preservado, destacando e resgatando sua história.

Outra pergunta feita no questionário aplicado aos moradores foi: “na sua opinião, qual a relevância da Pousada Dona Sinhá na história da Cidade de Goiás. Todos responderam que ela possui uma relevância pelos fatos históricos ali transcorridos.

Ana Angelyk da Veiga Jardim (informação verbal)³ diz:

“A relevância é que resgata os bens históricos do passado da nossa cidade, para mostrar aos turistas um pouco da cultura vilaboense”.

Nesta afirmação a moradora mostra que os vilaboenses estão sendo contagiados pela valorização dos fatores históricos da Cidade de Goiás, buscando preservá-los para que possam chamar a atenção do público-alvo, os turistas.

Olair Tavares de Camargo (informação verbal)⁴ diz:

“A pousada tem relevância, por sua edificação ser de arquitetura peculiar, sendo assim quem chega à pousada se sente como se estivesse nas grandes fazendas do passado colonial.”

Este morador chama a atenção para a arquitetura peculiar dos edifícios que existem na Cidade de Goiás em particular o da Pousada Dona Sinhá que resgata os modos de construção daquela época, que contava com a mão de obra escrava, e com as ferramentas e elementos de construção natural, como o pau-a-pique, o adobe e a taipa.

E quando feita a mesma pergunta para os turistas as respostas mais frequentes foram que a relevância se dá pela pousada ser representativa da cultura vilaboense e pelos fatores da história.

Adriana Rodrigues de Moraes (informação verbal)⁵ diz:

“A relevância é por sua história centenária e por ser uma pousada situada numa fazenda que existe há 200 anos.” A mesma diz que os fatores históricos foram o que a fez visitar e se hospedar na pousada.

Diante de todas estas afirmações, é possível notar que os fatos históricos, a preservação na perspectiva do resgate dos costumes e cultura dos vilaboenses, presentes até os dias atuais é o motivo que faz esta casa ser visitada e admirada por muitos turistas. É uma contribuição que a pousada Dona Sinhá dá para a cidade onde está localizada.

³ -Moradora próxima da pousada dona Sinhá

⁴ -Morador próximo da pousada, estudante.

⁵ Turista.

Já Jaime Sautchuk (informação verbal)⁶ diz que “*é uma relevância histórica e arquitetônica da primeira capital de Goiás*”. Nesta resposta foi apontado que os feitos do passado são valorizados e reconhecidos pelos turistas que visitam a Cidade de Goiás. O mesmo diz ter sido influenciado a conhecer a pousada pelos elementos (materiais e imateriais) históricos presentes naquele ambiente.

Novamente fica claro que a chácara e pousada Dona Sinhá, não é apenas uma casa qualquer em meio a tantas outras. Isto reafirma o motivo desta pesquisa, que é buscar o entendimento da valorização desta e de outros monumentos que estão presente na Cidade de Goiás.

Desta forma, a cultura vilaboense pode ser vista e admirada por todos os moradores da Cidade de Goiás quando resgata e preserva sua cultura e os fatos históricos aqui ocorridos. Também pode ser vista pelos turistas que querem conhecer a história goiana, possibilitando ainda agregar valor econômico, pois através dos turistas que se hospedam em uma pousada, considerada relevante diante da história e da cultura da Cidade de Goiás, geram-se dividendos.

3.3 - A Pousada enquanto elemento do Patrimônio e da Educação Patrimonial

A palavra patrimônio está sempre relacionada com um bem de valor econômico, no caso de patrimônio histórico, o valor é cultural e social.

Como já foi dito no início desta pesquisa, Getúlio Vargas, vendo a necessidade da preservação histórica e cultural das cidades, sancionou o decreto nº25, de 30 de novembro de 1937, onde o órgão SPHAN (Serviço do patrimônio Histórico e Artístico Nacional), tem responsabilidade de divulgar, preservar e fiscalizar os bens culturais. Com base neste decreto, a Cidade de Goiás foi tombada como Patrimônio, vindo depois a receber o título de Patrimônio Histórico da Humanidade, conferido pela UNESCO, em 2001, por causa da beleza de seus

⁶ Turista, escritor e o criador do FICA (Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental), festival hoje já reconhecido e valorizado no mundo inteiro que ocorre desde o ano 1999, na Cidade de Goiás.

monumentos e sua preservação e o seu conseqüente aspecto histórico. Desta mesma forma, a Pousada Dona Sinhá foi tombada como Patrimônio, sendo a única pousada da Cidade de Goiás que possui esse título.

Assim, a pousada apresenta uma relevância do ponto de vista da história, devido sua arquitetura, que é peculiar, feita de parte de taipa, parte de pau-a-pique e adobe, o que a torna parte do conjunto de edificações consideradas monumentos históricos.

Devido ser a pousada um patrimônio com relevância histórica, é preciso conservá-la, assim como todos os outros bens históricos e culturais da cidade, mantê-los em boas condições podendo dar a oportunidade às gerações futuras, tanto de moradores como de turistas, de conhecerem um pouco da história vilaboense e goiana. E voltamos a repetir é preciso preservar e preservar significa proteger, guardar, evitar que alguma coisa seja atingida por outra coisa que lhe possa ocasionar dano.

Voltando nossa atenção para a educação patrimonial, por que sem ela não há preservação, é preciso conscientizar moradores e turistas a preservar o que temos de mais precioso, nossa história. Também é preciso investimentos e planejamentos na área da educação patrimonial.

Frisamos e somos da opinião que a educação patrimonial deve ser dada desde os primeiros anos da educação escolar para que os alunos aprendam, desde cedo, a importância da preservação patrimonial.

A pousada deve e vem sendo preservada e mantida como os tempos de outrora, com algumas modificações que se fizeram necessárias, mas que não a descaracterizaram. Ainda conserva seus ambientes típicos como a taipa e o adobe.

Para que todos tenham o compromisso de preservar e se sintam como beneficiados deste sistema, é preciso todo um processo de modificações e reestruturações, no qual haja uma interação entre a população e os monumentos históricos.

Vale lembrar que as respostas dos turistas e dos moradores comprovam que a pousada está sendo devidamente preservada, e que procura fazer um trabalho de explicitação da cultura vilaboense a todos que a visitam.

3.4 - O turismo e sua relação com a pousada: Revalorização, ressignificação, geradora de emprego e renda

O turismo é algo que acontece no mundo desde muitos anos atrás. O turismo começou com os homens em busca de locais de terras férteis e limítrofes com rios.

Segundo OECE (Organização Européia de Cooperação Econômica), apud MARQUES 2003, o turismo pode ser entendido como toda deslocação humana e temporária, por causas alheias ao lucro; também o conjunto de bens, serviços e organizações que, em cada nação, torna possível essa deslocação e conseqüentes relações entre viajantes e naturais do país hospedeiro.

Ainda o turismo acontece também por procura de lazer, viagens escolares, encontros, dentre outros.

O turismo vem crescendo nos últimos anos, devido a diversas causas, entre elas, à divulgação de cidades históricas, como a Cidade de Goiás.

Com a vinda destes turistas para a cidade a economia local é incrementada, gerando lucros para o comércio, artesanatos, lojas e supermercados. O que conseqüentemente aumenta a geração de empregos na cidade.

A Pousada Dona Sinhá também contribui para a recepção de turistas. Eles buscam a pousada para se hospedarem enquanto estão na cidade, o que ocasiona uma valorização tanto dos aspectos históricos como econômicos, como exemplo, na geração de empregos.

É fácil concluir que o turismo está diretamente ligado com os fatores econômicos das cidades turísticas, como é o caso da Cidade de Goiás. E a Pousada Dona Sinhá contribui para a economia local e também para uma especial divulgação da história e hábitos da sociedade vilaboense, desde o século XIX.

3.5 - Como turistas e residentes percebem a pousada: Percepção e significados

Já anteriormente falado, mas vale repetir que entendemos o conceito de percepção como sendo o que e como cada indivíduo trata ou apreende determinados espaços, eventos e de quais significados e signos são atribuídos a eles.

Cada indivíduo percebe o espaço de seu jeito, com um olhar diferente uns dos outros, formando assim um mapa mental de um determinado lugar.

No questionário aplicado para o desenvolvimento desta pesquisa foi feita uma questão na qual se fazia necessário fazer um mapa mental, que é a forma de representação de algo que já vimos e que está em nossas lembranças, seja local, pessoal ou de coisas.

Os mapas mentais então são os modos de como cada indivíduo compreende o espaço vivido.

É importante esclarecer que os turistas que responderam as perguntas do questionário possuem o seguinte perfil: moradores de Brasília, Goiânia e Cristalina de Goiás, com a idade acima de 30 anos.

Enquanto os moradores que responderam as perguntas do questionário, muitos nasceram aqui e vivem até hoje, e tem idade entre 20 a 30 anos.

Uma das perguntas feitas no questionário aplicado aos moradores foi: “Como você descreveria a pousada?” Nesta questão foi apresentado um croqui pedindo para que desenhassem os fatores mais importantes no interior da pousada e do seu entorno.

Foi possível identificar através dos desenhos que uma parte dos que responderam o questionário vê a pousada como uma casa típica de Goiás, com muros de pedras, e com um grande contato com a natureza, pois a pousada é situada dentro de uma chácara.

Chegou-se a esta conclusão porque os desenhos mostravam quase sempre uma casa com bastantes árvores, coqueiros, flores, pássaros e belos poentes.

Quando esta mesma pergunta foi feita aos turistas, eles somente escreveram e não desenharam nada. Por isso não foi possível analisar seus desenhos. Algumas de suas respostas foram: *“A pousada é um espaço de descanso, que preserva a história e mantém o conforto desejado, ideal pra quem procura paz e aconchego.”*

O turista Jaime Sautchuk descreve a pousada da seguinte maneira:

“É um lugar aconchegante e dá a sensação de que a gente está no ambiente de 100 anos atrás, mas com o conforto e equipamentos dos dias atuais.”

Adriana Rodrigues de Moraes (informação verbal)⁷ descreve a pousada assim:

“A pousada é uma espécie de museu, no qual viajamos no tempo, não dá para entrarmos apenas, temos que a visitar, é pela história.” Ela também destaca alguns fatores internos como os quadros, o piso de tábua corrida, o forro em madeira no teto e as árvores.

Tanto na resposta do turista Jaime Sautchuk, quanto na resposta da turista Adriana Rodrigues Moraes, foi possível perceber que a pousada possui uma grande contribuição para a história de Goiás, tanto pelos fatos históricos resguardados em sua edificação e no seu espaço em geral quanto pela história familiar que aconteceu ali.

Outros fizeram a descrição escrevendo uma legenda onde diziam que a pousada era parte do centro histórico, da história da cidade.

Através desta pesquisa foi possível identificar que os moradores da Cidade de Goiás estão cientes da importância de um bem histórico, e da importância do título Patrimônio da Humanidade, além da necessidade de se preservar um monumento que guarda a história vilaboense. Assim como os turistas que visitam esta cidade também estão atentos para estes fatores, e muitos mostram que já aprenderam a respeitar e cuidar dos patrimônios históricos visitados.

⁷ - Turista.

Pode se confirmar que a Pousada Dona Sinhá é vista tanto para os moradores vilaboenses quanto para os turistas como um espaço que guarda traços históricos importantes.

Porém ainda é preciso um grande planejamento e implementação da educação patrimonial, para que essa conscientização chegue a todas as partes da Cidade de Goiás, lembrando que preservando a história estarão preservando a cultura, os costumes. A consequência disto será uma maior captação de turistas que virão buscar mais a cidade para seus passeios, gerando renda a todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da realização desta pesquisa foi possível concluir que é indispensável uma discussão sobre as ressignificações pelas quais os espaços passam, quais os processo e causas os levaram à estas ressignificações, e como isso influência na história deste espaço.

Foi possível identificar também que as discussões sobre o espaço são necessárias para se compreender os valores atribuídos a ele. Desta forma é possível conhecer mais sobre os aspectos culturais que se firmam sobre ele.

Depois de compreender sobre o espaço, uma nova perspectiva se abriu no tocante à paisagem cultural, pois ficou evidenciado a relação do homem com o seu meio ambiente.

Através desta pesquisa, ficou evidente que nos dias atuais a discussão sobre patrimônio histórico cultural e sua preservação é abordada pela sociedade vilaboense e pelos turistas que visitam a Cidade de Goiás. Assim o objetivo desta pesquisa foi entender a importância da Chácara/Pousada Dona Sinhá para a cidade de Goiás, analisando os aspectos culturais, econômicos e sociais, além de buscar conhecer a relação dos moradores com a chácara e a importância dela enquanto patrimônio tombado pelo IPHAN.

Acredito que esta pesquisa teve um papel importante para maiores esclarecimentos no que diz respeito aos aspectos históricos e culturais da sociedade vilaboense no tocante às suas representações sobre a Pousada Dona Sinhá, mostrando os elementos que caracterizam os espaços conhecidos como monumentos históricos e que são tombados pelo IPHAN. E diante destes monumentos, indagamos sobre a importância da educação patrimonial para a preservação dos mesmos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M.C. **A Questão do Território no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1995.
- AUGUSTO, J. & SALVI, R. F. **O estudo da paisagem como categoria do conhecimento geográfico**. In: Encontro Anual de Iniciação Científica, 10ºed, Ponta Grossa, 2001.
- BARRETO, M. **Turismo e legado cultural**. São Paulo: Papyrus. 2000.
- BOVO, V. e HERMANN, W. **MAPAS MENTAIS - Enriquecendo Inteligências**. 2005.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ºEd. São Paulo: Companhia de letras. 1994.
- BOULLÓN, R.C. **Planejamento do espaço turístico**. 2ºEd. São Paulo: Edusc. 2002.
- BRITO, C.C.S. **A Mulher, a história e Goiás**. 2º Ed. Goiânia. 1982.
- CARLOS, A. F. A. **A (Re) Produção do Espaço Urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- CARLOS, A.F.A. **Ensaio de geografia contemporânea**. São Paulo: hucitec, 1996.
- CHAUÍ, M. Política Cultural, e Patrimônio Histórico. In: CUNHA, M.C.P(org). **O Direito à Memória**. São Paulo: DHP, 1992.
- CHOAY, F. **A Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Unesp, 2001.
- CORIOLOANO, L.N. **Do local ao global**. 3ºEd. São Paulo: Papyrus. 1998.
- CLAVAL, P. **A geografia cultural**. 3ºed. Florianópolis: Ufsc. 2007.
- CORRÊA, R.L. **Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand. 1997.
- DECCA, E.S. Memória e cidadania. In: CUNHA, M.C.P(org). **O Direito à Memória**. São Paulo: DHP, 1992.
- FENELON, D.R. Políticas Públicas Culturais e Patrimônio Histórico. In: CUNHA, M.C.P(org). **O Direito à Memória**. São Paulo: DHP, 1992.
- FILHO, N.G.R. Espaço e memória. In: CUNHA, M.C.P(org). **O Direito à Memória**. São Paulo: DHP, 1992.
- FREITAS. Cidade de Goiás Patrimônio Mundial. In: **Instituto Histórico e Geográfico de Goiás**. Goiânia. 2002.
- FRANÇOISE, C. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo. Unesp. 2001.

GOMES,A.C.R. **A Salvaguarda do Patrimônio Cultural imaterial: recriando as folias de reis.** Rio Claro.2008.

HALBWACHS,M. **A Memória Coletiva.**São Paulo; Universidade de São Paulo, 1994.

ICLÉA, A.V.**Educação Patrimonial: Um recurso para alfabetização cultural no ensino fundamental.**Campo Grande:Ateliê geográfico, revista eletrônica.

IGNARRA, L.R. **Fundamentos do turismo.** 2° Ed.São Paulo:Thomson.2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE TURISMO. Guia para oficinas de treinamentos dos agentes multiplicadores e dos monitores. 3°ed. Brasília. 2001.

KOZEL, S. **Representação do espaço sob a ótica, dos conceitos: mundo vivido e dialogismo.** Porto Alegre: AGB, 2010.

KUYUMJIN, M.M.M e MELLO,M.T.N. **Os espaços da história cultural.** Brasília:Paralelo,2008.

LEMOS, A.I.G. **TURISMO:Impactos socioambientais.**3°ed.São Paulo: Hucitec. 1999.

LIMA,E.R. **Guia efetivo da Cidade de Goiás.** Brasília.14° Superintendência Regional. 2008.

LEONEL,M.E.M. Conhecer para preservar, preservar para conhecer:Um projeto de educação patrimonial. Brasília. IPHA. 1995.

MARQUES,J.A. **Introdução à hotelaria.**São Paulo:Edusc.2003.

MENESES,J.N.C. **História e turismo cultural.**2°Ed.Belo Horizonte :Autêntica. 2004.

MOLINA,S.**Turismo, metodologia e planejamento.** 2°Ed.São Paulo:Edusc. 2005.

MELO, A.F.F. Chácara Baumann.In:**Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.** Goiânia.2002.

MORAES, Dominga Correia Pedroso. **Cidade de Goiás: Patrimônio Histórico, cotidiano e cidadania.** Dissertação (Mestrado em Geografia) Instituição de Estudos Sócio – Ambientais, Universidade Federal de Goiás, 2002.

OLIVEIRA, M.K. **Vygotsky-Aprendizado e desenvolvimento - Um processo sócio-historico.** 4° Ed, São Paulo: Scipione,1997.

PACHECO, I.A. **Educação Patrimonial: Um recurso para alfabetização cultural no ensino fundamental.**Campo Grande:Ateliê geográfico,revista eletrônica.

PASSINI,E.Y. **Alfabetização Cartográfica e o livro didático: uma análise crítica.** São Paulo:Lê.1994.

ROSENDAL,Z.;CORRÊA,R.L.Geografia Cultural: introduzindo a temática, os textos e uma agenda.In:ROSENDAL,Z.;CORRÊA,R.L (org). **Introdução a geografia cultural**. Rio de Janeiro:Bertrand Brasil, 2003.

SANTOS, M. **O espaço do Cidadão**. 3º Ed. São Paulo: Nobel, 1996.

SANTOS,M. **Por Uma Geografia Nova**. 3º Ed. São Paulo: hucitec, 1986.

SANTOS,M. **Metamorfose do espaço habitado**. 5º Ed.São Paulo: hucitec, 1997.

SAUER,C.O.GeografiaCultural.In:ROSENDAL,Z.CORRÊA,R.L(org).**Introdução a geografia cultural**.Rio de Janeiro:Bertrand Brasil, 2003 p 19-26.

SAMPAIO,C.A.C.**Turismo como Fenômeno Humano: princípios para se pensar a sociedade**.1ºEd.Santa cruz do sul:Edusc.2005.

SEEMANN,J. **Mapas e Percepção Ambiental: Do mental ao Material e Vice-Versa**. 3º Ed. Rio Claro: OLAM - Ciênc. & Tec.2003.

TOGASHI,H.F. **Interpretação da paisagem: uma tarefa interdisciplinar**. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 2009.

WAGNER, Philip L. MIKESELL, Marvin W. Os temas da geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny(orgs.) **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

XAVIER, A.C. **O papel social do turismo**. Brasil: Caderno virtual de turismo, 2006.

APÊNDICES

**APÊNDICE A- APRESENTANDO OS QUESTIONÁRIOS
APLICADOS AOS MORADORES**

Universidade Estadual de Goiás
Unidade Universitária de Goiás
Acadêmica: Ana Carolina F. Faria

Questionário: Moradores

1- Identificação:

1.1- **Nome:** _____

1.2 - **Profissão:** _____

1.3- **Sexo:** Masculino () Feminino ()

1.4- **Idade:** 15 a 20 anos () 20 a 30 anos () Acima de 30 anos ()

1.5- **A quanto tempo mora em Goiás:** _____

2- Na sua opinião, qual a relevância da Pousada Dona Sinhá na história da Cidade de Goiás? Por que? _____

3- Qual o significado da pousada pra você? Enumere de 1 a 5 os fatores que você considera mais importante. _____

() Um local que preserva os bens históricos da cidade de Goiás

() Um local para receber turistas

() Um local que preserva a cultura vilaboense

() Um local que resgata a história, o passado

() Uma pousada qualquer

Outros: _____

4- Diante da imagem abaixo, quais os aspectos da Pousada Dona Sinhá que mais te chamou atenção:

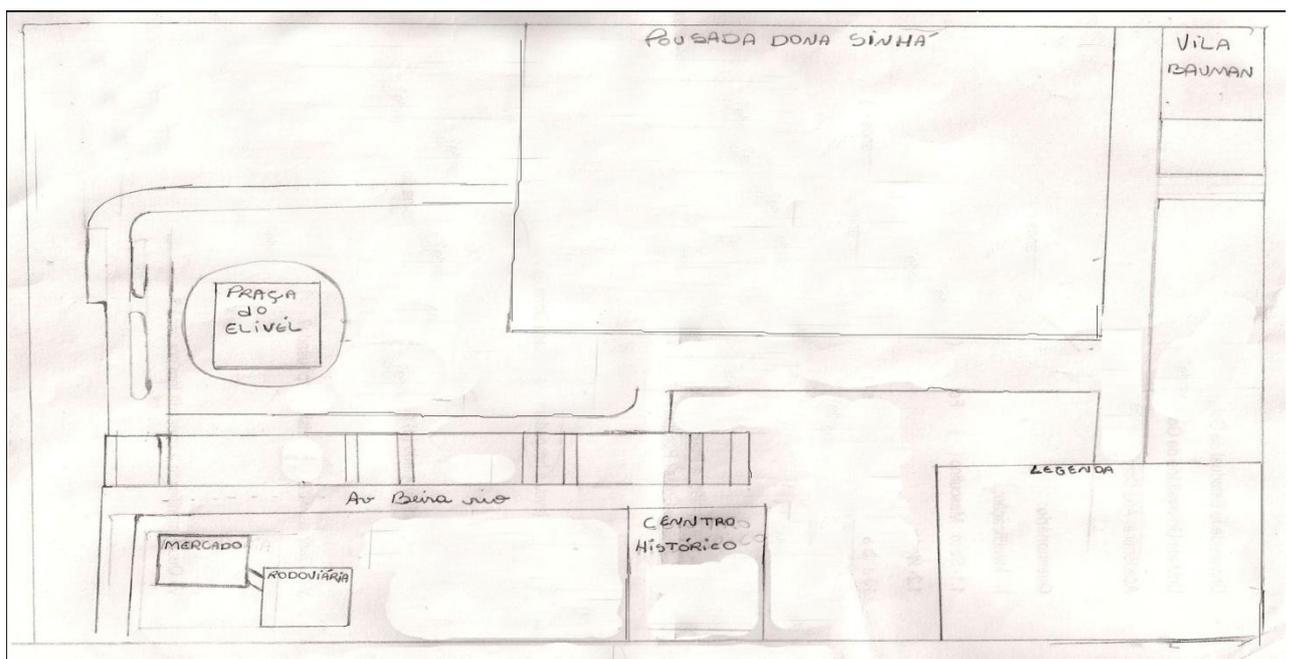


Fonte: FARIA, A.F.2011

- () O contato com a natureza
- () Os aspectos históricos
- () O silêncio para se descansar
- () Um lugar de hospedagem

Outros: _____

5- Desenhe no croqui referente à área da Pousada Dona Sinhá, os fatores mais importantes para você no interior da pousada e do seu entorno.



**APÊNDICE B- APRESENTANDO O QUESTIONÁRIO
APLICADO AOS TURISTAS**

Unidade Estadual de Goiás
Unidade Universitária de Goiás
Acadêmica: Ana Carolina F. Faria

Questionário: turistas

1- **Identificação:** _____

1.1- **Nome:** _____

1.2 – **Profissão:** _____

1.3- **Sexo:** Masculino () Feminino ()

1.4- **Idade:** 15 a 20 anos () 20 a 30 anos () Acima de 30 anos ()

1.5- **Cidade onde mora:** _____

2- Na sua opinião, qual a relevância da Pousada Dona Sinhá na História da Cidade de Goiás? Por que? _____

3- O que te levou a hospedar na “Pousada Dona Sinhá? Você foi influenciado (a) pelos fatores históricos existentes na pousada? _____

5- Quantas vezes você visitou a pousada? _____

6- Como você descreve a pousada? _____

7- Qual o significado da pousada pra você? Enumere de 1 a 4 os fatores que você considera mais importante. _____

() Um local que preserva os bens históricos da cidade de Goiás

() Um local para receber turistas

() Um local que preserva a cultura vilaboense

() Um local que resgata a história, o passado

8- Diante da imagem abaixo, quais os aspectos da Pousada Dona Sinhá mais te chamou atenção (dê nota de 1 a 4 quanto a ordem de importância):



Fonte: FARIA, A.F.2011.

- () O contato com a natureza
- () Os aspectos históricos
- () O silêncio para se descansar
- () Um lugar de hospedagem

Outros: _____

9- Desenhe no croqui referente à área da Pousada Dona Sinhá, os fatores mais importantes para você no interior da pousada e do seu entorno.

